



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**A INCLUSÃO DO AUTISTA NUMA ESCOLA MUNICIPAL DA  
CIDADE DE CABEDELO/PB: um estudo de caso**

Natália Fernanda da Silva Sousa  
Priscilla Guedes da Silva Moura  
Priscilla Vasconcelos de Melo

**JOÃO PESSOA  
2015**

NATÁLIA FERNANDA DA SILVA SOUSA  
PRISCILLA GUEDES DA SILVA MOURA  
PRISCILLA VASCONCELOS DE MELO

**A INCLUSÃO DO AUTISTA NUMA ESCOLAMUNICIPAL DA  
CIDADE DE CABEDELO/PB: um estudo de caso**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à apreciação da Banca Examinadora como requisito para obtenção do título de Graduação do Curso de Licenciatura em Pedagogia, na área de aprofundamento em Educação Especial, sob a orientação da professora Isolda Ayres Viana Ramos.

**JOÃO PESSOA  
2015**

S729i Sousa, Natália Fernanda da Silva.

A inclusão do autista numa escola municipal da cidade de Cabedelo/PB: um estudo de caso / Natália Fernanda da Silva Sousa, Priscilla Guedes da Silva Moura, Priscilla Vasconcelos de Melo. – João Pessoa: UFPB, 2015.

54f.

Orientadora: Isolda Ayres Viana Ramos

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – UFPB/CE

1. Educação especial. 2. Inclusão escolar. 3. Dificuldades pedagógicas. 4. Autismo. I. Moura, Priscilla Guedes da Silva, Melo, Priscilla Vasconcelos de. II. Título.

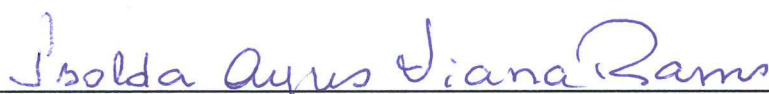
UFPB/CE/BS

CDU: 376 (043.2)

NATÁLIA FERNANDA DA SILVA SOUSA  
PRISCILLA GUEDES DA SILVA MOURA  
PRISCILLA VASCONCELOS DE MELO

**A INCLUSÃO DO AUTISTA NUMA ESCOLA MUNICIPAL DA  
CIDADE DE CABEDELO/PB: um estudo de caso**

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isolda Ayres Viana Ramos – Orientadora**  
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Janine Marta Coelho Rodrigues – Examinadora**  
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alásia Santos Ramos Nascimento – Examinadora**  
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

**JOÃO PESSOA**  
**2015**

## **AGRADECIMENTOS (NATÁLIA)**

A Deus, pois o que seria de mim sem a fé que tenho Nele, que meu deu tanta força espiritual para a realização desse trabalho.

À minha mãe, Ana Maria, que sempre orou por mim e não descansou na torcida pelo meu sucesso. A meu pai, José Carlos, que nunca deixou de lutar para investir em minha educação. Sei que é a eles que devo minha formação. E a minha irmã, Nayara, que me apoiou durante toda a minha caminhada.

Ao meu namorado, Edembergue Lima, de quem eu sempre cobrei apoio e atenção, e sei que essas foram coisas que jamais me faltaram. Muito obrigada pelo companheirismo nos momentos alegres ou tristes.

À minhas colegas de trabalho e curso, Priscilla Guedes e Priscilla Vasconcelos, pela cumplicidade, ajuda e amizade.

À professora Isolda Ayres, minha orientadora, por gentilmente ter nos ajudado e guiado durante todo o trabalho, dando o suporte necessário todas as vezes que a procurávamos.

Enfim, muito obrigada a todos que me apoiaram nessa jornada!

## **AGRADECIMENTOS (PRISCILLA GUEDES)**

Mesmo que eu saiba que ainda não cheguei ao fim da jornada, e que ainda há um longo caminho pela frente, jamais poderia deixar de agradecer a algumas pessoas, pois jamais chegaria até aqui sozinha. Minha terna gratidão a todos aqueles que colaboraram para que eu chegasse até aqui.

Sou eternamente grata a Deus pelo dom da vida, pelo seu amor infinito, pois sem Ele nada sou. Foi Ele quem me sustentou e sempre me guardou em todas as idas e vindas, me deu sabedoria desde o primeiro passo até o último que darei ao concluir esta graduação. Então, meu Senhor, te agradeço de todo coração por tua fidelidade!

À minha família, meus pais a quem quero destacar João Batista e Roseane, meu irmão, minhas avós, meu esposo, a minha gratidão. Vocês são parte de tudo isso, obrigada por todo incentivo e ajuda. Dedico a cada um de vocês esta conquista.

Sou feliz por ter conquistado amigos tão importantes, que me ajudaram, apoiaram e que estiveram comigo sempre. Em especial Natália Sousa e Priscilla Vasconcelos por dividirem comigo a etapa final do curso, obrigada por dividirem comigo todos estes momentos.

A nossa orientadora Isolda Ayres, pela ajuda, correções e incentivos.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“Que todo o meu ser louve ao Senhor, e que eu não esqueça nenhuma das suas bênçãos!” Salmos 103:2.

## **AGRADECIMENTOS (PRISCILLA VASCONCELOS)**

Ao concluir este SONHO, lembro-me de muitas pessoas a quem ressalto reconhecimento, pois, esta conquista concretiza-se com a contribuição de cada uma delas, seja direta ou indiretamente. Em primeiro lugar agradeço a Deus, principal responsável por tudo isso, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades, sem ele não estaria aqui. A todos da minha família que, de alguma forma, incentivaram-me na constante busca pelo conhecimento. Em especial aos meus pais João Melo e Joeliane, pelo apoio, incentivo, compreensão, amor e principalmente pelo companheirismo, sempre estando ao meu lado quando precisei, confiaram em mim e me deram esta oportunidade de concretizar e encerrar mais uma caminhada da minha vida. Sei que eles não mediram esforços para que este sonho se realizasse, sem a ajuda e confiança deles nada disso seria possível hoje. Ao meu avô João Batista e as minhas avós Salomé e Ivonete, pelo incentivo e amor que sempre me dedicaram, por um dia terem acreditado em mim e me proporcionado à chance de realizar os meus sonhos. Ao meu irmão João Eudes, que sempre me deu força e motivação nessa trajetória e pelas caronas que me dava até a universidade todos os dias.

Ao meu namorado, Ariel, pela dedicação, amor e compreensão. Obrigada por torcer por mim e me incentivar não só na vida profissional, mas em todos os assuntos. Sou grata a Deus pela sua vida.

As minhas queridas amigas Priscilla Guedes e Natália Sousa, por sempre estarem dispostas a me ajudar, e por dividirem comigo as dificuldades e os prazeres da vida acadêmica.

À minha orientadora Isolda Ayres Viana Ramos, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos. À Universidade Federal da Paraíba que, pública e gratuita, me ofereceu oportunidade de concretizar a Licenciatura em Pedagogia. A essa instituição, devo minha vida acadêmica e meu crescimento intelectual, cultural e político. A todos os meus professores, desde a minha alfabetizadora até os professores da graduação. Agradeço-os imensamente pela contribuição de cada um na minha formação.

## **RESUMO**

O tema Autismo, atualmente vem recebendo uma importância especial na sociedade, hoje é um tema que está sendo bastante discutido, visando às necessidades de alunos com autismo de serem inseridos em escola regular. Por tanto é preciso constituir uma parceria, entre escola e família fazendo um trabalho com docentes, pois muitas vezes é pouco notório esse assunto para os profissionais da área de educação e a família, e até para cuidadores que precisam auxiliar alguma criança autista. Visando estas dificuldades este trabalho cujo tema: A inclusão do autista numa escola municipal da cidade de Cabedelo – PB ( um estudo de caso) tem como objetivo, compreender o processo de inclusão para os alunos; expor o que é autismo e buscar melhorias para o nível de conhecimento desses professores, para que possam promover progressos de ensino a esses alunos e verificar como essas crianças estão sendo inseridas na escola regular. Através de pesquisas de campo e observações realizadas na escola Municipal Paulino Siqueira, localizada no município de Cabedelo – PB, concluímos que o sistema educacional ainda deixa a desejar na capacitação dos profissionais da educação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inclusão escolar. Autismo. Dificuldades pedagógicas.



## **Abstract**

The theme Autism, is currently undergoing a special importance in society today is an issue that is being widely discussed, targeting the needs of students with autism to be inserted into regular school. Therefore it must be a partnership between school and family doing work with teachers, as it is often unnoticeable that matter for education professionals and family, and even to caregivers who need help some autistic child. Targeting these difficulties this work the theme: The inclusion of autistic in a municipal school in the city of Cabedelo - PB (a case study) aims to understand the process of inclusion for students; expose what is autism and seek improvements to the level of knowledge of these teachers so that they can promote educational progress of these students and see how these children are being placed in regular schools. Through field research and observations made in the Municipal School Paulino Siqueira, in the municipality of Cabedelo - PB, we conclude that the educational system still falls short in the training of education professionals.

**KEYWORDS:** School inclusion. Autism. Educational difficulties

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>AUTISMO.....</b>	<b>9</b>
2.1	DEFINIÇÃO .....	9
2.3	TRATAMENTO .....	11
2.3.1	Análise aplicada do comportamento (ABA) .....	12
2.3.2	Teacch.....	12
2.3.4	Medicamentos .....	12
2.3.5	Dieta .....	13
2.3.6	Outras abordagens .....	13
2.4	SÍNDROME DE ASPERGER .....	13
2.5	O ESPECTRO AUTISTA.....	15
2.5.1	Transtorno Autista .....	15
2.5.2	Síndrome de Asperger.....	16
2.5.3	Síndrome de Rett .....	16
2.5.4	Transtorno Desintegrativo da Infância .....	17
2.6	ASPECTOS LEGAIS DO ATENDIMENTO AO AUTISTA.....	17
2.7	PERFIL COGNITIVO DA CRIANÇA AUTISTA .....	19
<b>3</b>	<b>EDUCAÇÃO INCLUSIVA .....</b>	<b>21</b>
3.1	PAPEL DA ESCOLA .....	23
3.2	PERFIL DO PROFESSOR .....	25
3.3	ESTRATÉGIAS INCLUSIVAS .....	26
<b>4</b>	<b>ASPECTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>29</b>
4.1	TIPO DE PESQUISA .....	29
4.2	LOCAL DE PESQUISA .....	29
4.3	SUJEITOS DA PESQUISA.....	30
4.4	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	30
4.5	ANÁLISE DOS DADOS.....	31
4.5.1	Perfil dos professores da escola.....	31
4.5.2	Perfil dos cuidadores da escola.....	33
4.5.3	Perfil dos pais.....	34
4.5.4	Análise da observação.....	35

4.6	ASPECTOS ÉTICOS.....	36
4.7	DESCRIÇÃO DOS DADOS COLETADOS .....	37
4.7.1	Caracterização da Escola.....	37
4.7.2	A função dos cuidadores .....	38
4.7.3	O atendimento na sala de recursos .....	40
4.7.4	As dificuldades encontradas no ambiente escolar .....	41
4.7.5	Planejamento .....	42
4.7.6	O interesse dos pais quanto ao trabalho desenvolvido.....	43
4.7.7	A função do professor .....	44
4.8.8	O curso de Pedagogia e a formação para lidar com crianças autistas.....	45
5	CONCLUSÃO .....	47
	REFERÊNCIAS .....	49
	APÊNDICES.....	51
	ANEXOS .....	55

# 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho enfoca a inclusão de pessoas autistas na escola regular, notadamente alunos da Escola Municipal Paulino Siqueira, localizada no município de Cabedelo/PB. Pretendemos compreender que aspectos da educação escolar de pessoas autistas devem ser levados em consideração, quer acompanhadas ou não de um cuidador. A curiosidade sobre esse tema foi desencadeada a partir de nosso interesse em temas que envolvam educação especial, ao vivenciar a dificuldade que existe em nossas próprias salas de aula ou escolas em que tivemos a oportunidade de trabalhar. Nos sentimos envolvidas pelo universo autista ao presenciar alguns casos, então, tivemos a vontade de nos aprofundar e entender melhor esse mundo, que nos instiga cada vez mais. Essa convicção foi respaldada em autores como Farah; Goldenberg (2001), Mello (2007), Rodrigues (2010), entre outros.

Ao fazer qualquer tipo de trabalho sobre crianças, um dos aspectos mais difíceis a considerar é o fato de todas as crianças serem diferentes. Com ou sem a presença de uma perturbação do desenvolvimento, há vastas diferenças individuais entre as personalidades, os temperamentos, as capacidades para aprender e os desejos que caracterizam cada criança. O autismo é uma das perturbações mais graves do desenvolvimento das crianças, por isso, a intervenção intensiva precoce pode promover as competências individuais, comportamento, autonomia, comunicação, interação social e funcionamento geral, por isso a partir desse projeto pretendemos investigar se essa intervenção está sendo realizada de forma correta nas escolas, com pessoas adequadas e formadas para esse tipo de acompanhamento especializado.

O autismo não afeta somente as pessoas que são acometidas pela deficiência. Afetam também as suas famílias e todos aqueles que fazem parte do seu dia a dia. A criança autista tem bastante dificuldade na socialização, e esse é um ponto que precisa ser bastante incentivado, com o objetivo de fazer com que o portador se torne um membro atuante na sociedade, na família, na escola e em todos os espaços físicos que nos rodeiam.

Os objetivos específicos desse trabalho serão o passo a passo a ser construído para que o objetivo geral seja alcançado, qual sejam: analisar como é a vida de crianças

autistas na escola regular pública, especificamente as da escola alvo da pesquisa; observar como se dá a integração das mesmas com os outros alunos e com a comunidade escolar, sabendo que a educação deve ser vista como meio de inclusão, e é de muita importância na vida de qualquer criança, inclusive a autista; pontuar quais são os problemas que rodeiam a inclusão de crianças autistas na escola regular, fazendo o contraponto com os problemas recorrentes na escola; verificar quais as dificuldades que o professor enfrenta em sala de aula com alunos autistas; e levantar dados que evidenciem a importância do cuidador, que irá ser um meio significativo que garantirá a inclusão da criança.

Os dados da pesquisa foram coletados na Escola Municipal Paulino Siqueira, que fica localizada na cidade de Cabedelo. A escolha da escola se deu pelo motivo de ter um grande número de alunos autistas, além da mesma ser reconhecida na cidade como modelo de inclusão. Para desenvolver a pesquisa, foram aplicados questionários que foram construídos com questões fechadas e abertas, o que proporcionou maior liberdade de expressão no contato com o sujeito, aproximando seu ponto de vista com a realidade (MINAYO, 1995). Além disso, foram realizadas observações, entendendo a importância da participação do observador/pesquisador se colocar na situação social, instituindo um vínculo com o indivíduo e registrando suas posturas, pois o pesquisador se insere no contexto de vida deste, o que dá margem a uma ligação de confiança de ambas as partes. Os sujeitos da pesquisa foram pais, professores, crianças autistas e seus cuidadores.

O trabalho foi desenvolvido em tópicos que tornaram melhor seu desenvolvimento: o primeiro tópico teórico, conceitua o autismo, foco do nosso estudo, resgata um breve histórico e os programas de tratamento, descreve as Síndrome de Asperger e de Rett, os aspectos legais do atendimento ao autista; o segundo, trata da educação inclusiva; o terceiro, aborda os aspectos metodológicos com a descrição do local onde a pesquisa foi realizada, dos sujeitos e dos instrumentos usados para coletar os dados, seguindo-se a análise e discussão dos resultados; e, por fim, como último tópico, a conclusão a que chegamos com nosso estudo.

## 2AUTISMO

Nesse tópico, iremos trazer a teoria já existente fazendo uma ligação do que foi visto na escola pesquisada. A partir dele, fica claro o que é necessário ser melhorado no ensino público em relação ao mundo do autista. Percebe-se a grande necessidade de intervenções na prática de muitos profissionais que estão lidando diariamente com essas crianças, pois a prática por muitas vezes se distancia da teoria, deixando assim um grande vazio na realidade da educação destas.

### 2.1 DEFINIÇÃO DE AUTISMO

O termo autismo vem do grego “autos” que significa em “si mesmo”. Faz referência a um sujeito retraído que evita qualquer contato com o mundo exterior e que pode chegar inclusive ao mutismo (ROUDINESCO; PLON, 1944, p. 57). A primeira pessoa a utilizá-lo foi o psiquiatra austríaco Eugen Bleuler para se referir a um dos critérios adotados em sua época para a realização de um diagnóstico de Esquizofrenia.

Conforme a Organização Mundial da Saúde (1998), o autismo é:

uma síndrome presente desde o nascimento ou que começa quase sempre durante os trinta primeiros meses. Caracterizando-se por respostas anormais a estímulos auditivos ou visuais, e por problemas graves quanto à compreensão da linguagem falada. A fala custa aparecer e, quando isto acontece, nota-se ecolalia, uso inadequado dos pronomes, estrutura gramatical, uma incapacidade na utilização social, tanto da linguagem verbal quanto corpórea.

Ainda de acordo com a definição da Organização Mundial da Saúde (1998), a criança autista desenvolverá problemas muito graves de relacionamento social, como incapacidade de manter contato visual, ligação social e jogos em grupo. O comportamento se manifestará de modo usualmente ritualístico, podendo incluir resistência à mudança, ligações a objetos estranhos e um padrão de brincar estereotipado. Esse tipo de comportamento foi facilmente visualizado nas salas de aulas, já que algumas crianças se apegam a alguns jogos, objetos e brinquedos. Também, na hora do recreio foi possível ver que certos alunos autistas tinham certo padrão de

brincadeiras que sempre se repetia, algumas vezes gostando de produzir sons batendo em carteiras ou paredes.

Pode-se dizer ainda que é um distúrbio do desenvolvimento que se caracteriza por alterações presentes desde idade muito precoce, geralmente antes dos três anos de idade, porém é comum pais relatarem que a criança passou por um período de normalidade anteriormente à manifestação dos sintomas. De acordo com estudos recentes o autismo seria quatro vezes mais frequente em pessoas do sexo masculino. É comum também estes pais relacionarem a algum evento familiar o desencadeamento do quadro de autismo do filho, a partir do qual a criança apresentaria regressão. Em muitos casos constatou-se que na verdade esta regressão não existiu e que o fator desencadeante na realidade despertou a atenção dos pais para o desenvolvimento anormal da criança.

Suas causas são desconhecidas. Acredita-se que sua origem esteja em anormalidades em alguma parte do cérebro ainda não definida de forma conclusiva e, provavelmente, de origem genética. Além disso, admite-se que possa ser causado por problemas relacionados a fatos ocorridos durante a gestação ou no momento do parto.

O autismo pode ocorrer em qualquer nível intelectual geral, desde o retardo mental severo até o QI normal ou acima do normal. Foi possível visualizar na escola visitada que os alunos autistas possuem vários graus de autismo. Alguns gostam de isolamento, outros conseguem aprender com mais facilidade levando em consideração suas limitações, e outros não. Uns conseguem desenvolver a oralidade com o passar das atividades realizadas na sala de aula regular e na sala de recursos, porém outros não conseguem. Isso mostra que o autista é um ser único, solitário, que possui um mundo particular e misterioso.

De acordo com os estudos já realizados, com a literatura pesquisada, e com as observações e registros feitos, as áreas afetadas em uma pessoa com autismo são: Interação social, onde podem apresentar dificuldade em dizer aos outros como eles se sentem ou o que precisam, habilidades sociais inadequadas ou uma preferência pela solidão, dificuldade em manter contato visual ou usar a comunicação não verbal; Na comunicação podem repetir palavras ou frases algumas vezes fora de contexto, menor atenção às solicitações, riso ou choro sem motivo aparente, levar a comunicação ao pé da letra, não entender insinuações sociais ou verbais, incapacidade para seguir múltiplas instruções; E no comportamento podem ter dificuldade para aceitar mudanças e

preferência pelas rotinas, irritam-se facilmente com barulho e multidões, tem brincadeiras incomuns como rotação de objetos, grande interesse em um tópico em particular, extrema hiperatividade ou inatividade.

## 2.2 BREVE HISTÓRICO

O autismo foi descrito pela primeira vez em 1943 pelo Dr. Leo Kanner, que foi um médico austríaco, em seu histórico artigo intitulado “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”. Nesse artigo, Kanner descreve 11 casos, dos quais o primeiro, Donald T., chegou até ele em 1938.

Kanner descreve o autismo como perturbação inata do contato afetivo, e vai colocar essa perturbação como um fracasso inicial fundamental. É essa posição que vai separar definitivamente o autismo da esquizofrenia infantil.

Em 1944, Hans Asperger, um médico também austríaco e formado na Universidade de Viena escreve outro artigo com o título: Psicopatologia Autística da Infância, descrevendo crianças bastante semelhantes às descritas por Kanner.

A diferença entre os dois textos citados acima, é que Kanner descreve uma doença em curso, quer dizer um processo evolutivo, e Asperger se dá conta de um tipo de personalidade que existe desde a infância e se prolonga durante a vida adulta.

Atribui-se tanto a Kanner como a Asperger a identificação do autismo.

## 2.3 TRATAMENTO

Um programa de tratamento precoce, intensivo e apropriado melhora muito a perspectiva de crianças pequenas com autismo. A maioria dos programas aumentará os interesses da criança com uma programação altamente estruturada de atividades construtivas. Os recursos visuais geralmente são úteis.

O tratamento do autismo tem mais êxito quando é direcionado às necessidades específicas da criança. Um especialista ou uma equipe experiente deve desenvolver o programa para cada criança. Há várias terapias para autismo disponíveis, incluindo: Análise aplicada do comportamento (ABA), medicamentos, terapia ocupacional, fisioterapia e terapia do discurso/linguagem.



Terapias de integração sensorial e da visão também são comuns no autismo, mas há poucas pesquisas que comprovam sua eficácia. O melhor plano de tratamento pode usar uma combinação de técnicas.

### **2.3.1 Análise aplicada do comportamento (ABA)**

Este programa é para crianças pequenas com algum distúrbio dentro do espectro do autismo. Pode ser eficaz em alguns casos. A ABA usa uma abordagem de aprendizado individual que reforça a prática de várias habilidades. O objetivo é que a criança se aproxime do funcionamento normal do desenvolvimento.

Os programas de ABA normalmente são feitos na casa da criança sob a supervisão de um psicólogo comportamental. Esses programas podem ser muito caros e não foram amplamente adotados pelos sistemas escolares. Os pais muitas vezes procuram financiamento e auxílio profissional em outros lugares, o que pode ser difícil em muitas comunidades.

### **2.3.2 Teacch**

Outro programa é o Tratamento e educação para autistas e crianças com déficits relacionados à comunicação (TEACCH). O TEACCH foi desenvolvido como um programa estadual na Carolina do Norte, EUA. Ele utiliza programas com imagens e outros recursos visuais que ajudam a criança a trabalhar de forma independente e a organizar e estruturar seu ambiente.

O TEACCH tenta melhorar as habilidades e a adaptação de uma criança, ao mesmo tempo que aceita os problemas associados aos distúrbios dentro do espectro do autismo. Diferente dos programas de ABA, os programas TEACCH não esperam que as crianças atinjam o desenvolvimento normal com o tratamento.

### **2.3.4 Medicamentos**

Muitas vezes são usados medicamentos para tratar problemas comportamentais ou emocionais que os pacientes com autismo apresentem, como agressividade, ansiedade, problemas de atenção, compulsões extremas que a criança não pode controlar,

hiperatividade, impulsividade, irritabilidade, alterações de humor, surtos, dificuldades para dormir e ataques de raiva.

Atualmente, somente a risperidona foi aprovada para tratar a irritabilidade e a agressividade do autismo que podem ocorrer em crianças de 5 a 16 anos. Outros medicamentos que também podem ser usados incluem ISRSs, divalproato de sódio e outros estabilizadores de humor e possivelmente estimulantes, como o metilfenidato. Não há medicamentos para tratar o problema subjacente do autismo.

### **2.3.5 Dieta**

Algumas crianças com autismo parecem responder a uma dieta sem glúten ou sem caseína. O glúten é encontrado em alimentos que contêm trigo, centeio e cevada. A caseína é encontrada no leite, no queijo e em outros produtos lácteos. Nem todos os especialistas concordam que as mudanças na dieta fazem diferença, nem todas as pesquisas sobre esse método mostraram resultados positivos.

### **2.3.6 Outras abordagens**

Existem muitos tratamentos anunciados para o autismo que não têm base científica e histórias de "curas milagrosas" que não atendem às expectativas. É preciso que se acompanhe o avanço das pesquisas na área, que está se desenvolvendo rapidamente.

Em um momento, houve muita empolgação com o uso de infusões de secretina. Agora, depois de muitas pesquisas realizadas em vários laboratórios, é possível que a secretina não faça nenhum efeito para crianças com autismo. No entanto, as pesquisas continuam.

## **2.4 SÍNDROME DE ASPERGER**

A síndrome de Asperger foi identificada no ano de 1944 pelo médico Austríaco Hans Asperger. A síndrome há muito tempo vinha sendo confundida com o Autismo, havendo como consequência o diagnóstico errado de diversas crianças. Hans Asperger relatou que as crianças acometidas por essa síndrome apresentavam dificuldades nas

relações sociais, além de peculiaridades comportamentais diferentes, porém geralmente essas pessoas têm elevadas habilidades cognitivas e as funções de linguagem normais, se comparadas a outras desordens, como o Autismo.

Os portadores da Síndrome de Asperger geralmente tem a linguagem pedante e rebuscada, ecolalia ou repetição de palavras ou frases, voz pouco emotiva e sem entonação, interesses restritos por um assunto em particular, interpretação literal de mentiras, metáforas, ironias. Também apresentam dificuldades ao usar o olhar, expressões faciais, gestos e movimentos. Possuem dificuldade para entender e expressar emoções e costumam falar tudo o que pensam e são apegados a rotinas, com bastante dificuldade em aceitar mudanças. Os alunos que possuem a síndrome de Asperger costumam ser diferentes dos demais do grupo, são retraídos, não falam muito, na maioria das vezes querem ficar fora da sala de aula, justamente para não interagir. A rotina é muito importante para eles, à questão de ter hora de sentar, brincar, escrever, escovar os dentes, tomar banho, é fundamental, eles se apegam a isso.

Essas crianças precisam de estímulo, por parte de colegas e professores, ensinando e estimulando a esses alunos se envolverem nas brincadeiras e demais atividades, assim eles irão aprendendo a interagir e compreender as regras sociais e as rotinas da sala de aula.

A causa da Síndrome de Asperger não é conhecida, de acordo com Rodrigues (2010, p.64), “o que sugere é uma semelhança com o Autismo, estudada à luz de hipóteses genéticas, metabólicas, infecciosas e perinatais (problemas transcorridos durante o parto)”.

Contudo, os estudos realizados até hoje mostram que a Síndrome de Asperger é mais comum que o Autismo Clássico, já que enquanto o Autismo é encontrado de 2 a 5 crianças a cada 10.000, a Síndrome de Asperger está na faixa de 20 a 25 a cada 10.000.

Crianças e adolescentes diagnosticados com Síndrome de Asperger devem frequentar a escola de ensino regular, já que são garantidos pela lei tendo direito a inclusão. Porém essas crianças frequentemente precisarão de um acompanhamento profissional especializado. O tratamento é realizado com o auxílio de programas individuais, levando em conta a evolução de cada criança. É necessário estar atento aos aspectos individuais da criança e sua relação social, podendo então, oferecer o atendimento específico e qualidade de vida para essa criança. São utilizados, segundo Rodrigues (2010, p.65):

Os modelos de intervenção, como Educação Especial e Modificação de Comportamento, usados no tratamento do Autismo, tendem a exercer influência satisfatória na motivação das potencialidades intrínsecas dos portadores da síndrome de Asperger.

Quando adultos, os portadores de Síndrome de Asperger podem superar algumas dificuldades, como impaciência, falta de motivação e desenvolvem a tolerância a novas atividades e a conhecer pessoas. Alguns ainda podem continuar com comportamentos excêntricos, distintos e curiosos.

## 2.5 O ESPECTRO AUTISTA

O espectro autista se caracteriza por três grupos de sintomas: a dificuldade de comunicação verbal e não verbal, dificuldade na interação social, e tendência a um comportamento repetitivo. Os sintomas podem ser percebidos precocemente, pois nesse transtorno do espectro autista as crianças são caracterizadas por desde o berço não se interessarem pela voz humana, não seguirem objetos com o olhar, dificuldade na fala ao chegar a 1 ou 2 anos de idade, e a falta de interação com outras crianças no início do período escolar. É importante que ao identificar qualquer desses sintomas, os pais procurem orientação de profissionais especializados para que tomem as medidas necessárias e iniciem o processo para diagnosticar o que essa criança pode ter. Segundo relato de uma mãe e cuidadora de um adolescente autista da escola alvo desta pesquisa, foi percebido que a criança possuía comportamento diferenciado ainda recém-nascido, e ao perceber, procurou imediatamente ajuda de um especialista. Este é o procedimento que deveria ser feito em todos os casos.

No espectro autista existem tipos variados de transtornos conhecidos como Transtornos Invasivos do Desenvolvimento, são eles: o Transtorno Autista, a Síndrome de Asperger, a Síndrome de Rett e o Transtorno Desintegrativo da Infância.

### 2.5.1 Transtorno Autista

O autismo é caracterizado por problemas na comunicação, sociabilidade, ecolalia e movimentos repetitivos. As características fundamentais das pessoas autistas são: Inabilidade para interagir socialmente; dificuldade no domínio da linguagem para se

comunicar; e padrão de comportamento repetitivo. O grau de comprometimento causado é variável, indo desde casos mais leves até casos mais graves onde o portador não consegue ter nenhum vínculo ou contato interpessoal, e pode ter o comportamento agressivo. Assim como o comprometimento, o tratamento também irá variar de cada caso, onde a equipe que irá acompanhar a criança terá de descobrir quais métodos deverão ser utilizados investigando o caso específico.

### **2.5.2 Síndrome de Asperger**

Essa síndrome foi relatada pelo médico austríaco Hans Asperger, em 1944, que a de “psicopatia autista”. Os portadores da Síndrome de Asperger possuem um comprometimento na interação social e algumas peculiaridades no comportamento assim como autistas, porém não tem atrasos no desenvolvimento da linguagem. A causa dessa síndrome é desconhecida, e ela tem várias semelhanças com o Autismo, inclusive no tratamento, que são basicamente os mesmos.

### **2.5.3 Síndrome de Rett**

A síndrome de Rett é um distúrbio do sistema nervoso que leva a regressão no desenvolvimento psicomotor. Acontece em meninas que eram consideradas previamente normais. Foi relatada por Andrea Rett em 1966. Uma criança com síndrome de Rett geralmente tem desenvolvimento normal nos primeiros 6 a 18 meses.

Os sintomas vão de leves a severos podendo haver: comprometimento na evolução psicomotora, desaceleração de crescimento da área craneana após o terceiro mês de vida, indiferença e dispersão, isolamento afetivo pouco respondendo aos estímulos ambientais, diminuição na ação de segurar objetos, fraca coordenação motora, retrocesso das funções intelectuais e graves problemas no desenvolvimento da linguagem, convulsões, problemas respiratórios como apneia, entre outros. (RODRIGUES, 2010)

Algumas crianças que possuem Síndrome de Rett podem receber erroneamente o diagnóstico de autistas, devido às semelhanças iniciais, porém com o passar do tempo, as diferenças se acentuam, como explica Rodrigues (2010, p. 59):

Os maneirismos no Autismo são mais acentuados. No Transtorno de Rett, as crianças perdem por completo suas aptidões verbais, já os indivíduos autistas

usam uma linguagem provida de desvios, a exemplo da ecolalia, inversão pronominal e neologismos. As anormalidades respiratórias e as convulsões observadas no transtorno de Rett não são vistas no Autismo, exceto possíveis convulsões que ocorrem na adolescência.

O tratamento da Síndrome de Rett inclui medicamentos para administrar as convulsões e seções com fisioterapia para ajudar a prevenir problemas musculares. E em relação a escolarização, os progressos são poucos.

#### **2.5.4 Transtorno Desintegrativo da Infância**

As crianças que são acometidas por esse transtorno, tem um desenvolvimento normal nos primeiros anos de vida, e só depois vão apresentando sintomas como redução no relacionamento social, na linguagem expressiva ou receptiva, nas habilidades sociais ou comportamento adaptativo, no controle intestinal ou vesical, e nos jogos ou habilidades motoras. Como também existe um prejuízo na interação social e na comunicação, e padrões repetitivos e estereotipados, há uma semelhança com as características vistas no Autismo.

As causas são desconhecidas, mas são associadas a estados neurológicos. O Transtorno Desintegrativo da Infância é mais raro que o Transtorno Autista e é mais comum no sexo masculino. O tratamento utilizado para as crianças que portam este tipo de transtorno são semelhantes ao usado nas crianças portadoras do transtorno autista.

### **2.6 ASPECTOS LEGAIS DO ATENDIMENTO AO AUTISTA**

O atendimento escolar de alunos autistas tem sido alvo de reflexões e propostas diferenciadas a respeito das dificuldades e possibilidades da educação inclusiva para crianças com autismo.

A Lei Berenice Piana, que dá proteção aos direitos da pessoa com autismo, foi sancionada pela presidente Dilma Rousseff em 27 de dezembro de 2012. A Lei nº 12.794 institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e prevê a participação da comunidade na formulação das políticas públicas voltadas para os autistas, além da implantação, acompanhamento e avaliação da mesma, essa lei faz com que os autistas sejam considerados oficialmente pessoas com deficiência, tendo direito de todas as políticas de inclusão do país, inclusive as da educação.

De acordo com o artigo 3º da Lei 12.764/12:

São direitos da pessoa com transtorno do espectro autista:

I - a vida digna, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade, a segurança e o lazer;

II - a proteção contra qualquer forma de abuso e exploração;

III - o acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde, incluindo:

a) o diagnóstico precoce, ainda que não definitivo;

b) o atendimento multiprofissional;

c) a nutrição adequada e a terapia nutricional;

d) os medicamentos;

e) informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento;

IV - o acesso:

a) à educação e ao ensino profissionalizante;

b) à moradia, inclusive à residência protegida;

c) ao mercado de trabalho;

d) à previdência social e à assistência social.

A lei é vista por conhecedores da área como mais um reforço na luta pela inclusão. Diante dessa lei, o autista tem direito de estudar em escolas regulares, tanto na educação básica quanto no ensino profissionalizante, e, se preciso, pode requerer um acompanhante especializado. Esse acompanhante precisa ter conhecimento do que é o espectro autista, sabendo como lidar de maneira correta com o comportamento variável da criança. É notório que a prática ainda está muito distante da lei, já que a maioria dos cuidadores de crianças e adolescentes das escolas públicas entram nestas sem nenhum preparo e formação de como realizar essa função. Essa falta de preparo não se limita apenas aos cuidadores, mas também aos professores, já que grande parte não sabe como trabalhar com autistas, não fazendo seu papel de levar atividades diferenciadas para incluir o aluno autista na aula, e colocam essa responsabilidade nas mãos do cuidador. Ficam deliberadas, também, penas aos gestores que negarem a matrícula a estudantes com deficiência. A punição será de três a 20 salários mínimos e, em caso de reincidência, levará a perda do cargo. Com a Lei, fica garantido o acesso a ações e serviços de saúde, incluindo: o diagnóstico precoce, o atendimento multiprofissional, a nutrição adequada e a terapia nutricional, os medicamentos e as informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento. Da mesma forma, a pessoa com autismo terá assegurado o acesso à educação e ao ensino profissionalizante, à moradia, ao mercado de trabalho e à previdência e assistência social.

Alguns autores consideram que é uma síndrome das mais difíceis de compreender, devido ao seu aspecto variável de gravidade, à mudança periódica de sintomas, falta de sinais físicos específicos. Com tudo isso a questão educativa torna-se,

portanto, de grande importância, no sentido de desenvolver estratégias de ensino visando níveis mais altos de competências.

Sabe-se que toda criança tem direito a educação e é obrigação do estado, de acordo com o artigo 54 do Estatuto da Criança e do Adolescente, também incluindo a criança com Transtorno do Espectro Autista, que deve ter garantido o atendimento especializado na rede regular de ensino, promovendo as mesmas um bom desenvolvimento como pessoa e um preparo no exercício de cidadania e qualificação para o trabalho. Porém, existem professores que não estão qualificados para atender as necessidades desses alunos inseridos em classes regulares. Certamente crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista, tendem a ter uma melhor adaptação em escolas especializadas nesse tipo de transtorno de desenvolvimento, por que algumas dessas crianças precisam de um atendimento mais qualificado.

Caso o Estado não possa prestar essa educação especializada próxima da residência, é possível pedir administrativamente para que o Estado cumpra a sentença da ação civil pública da 6ª Vara da Fazenda Pública da Capital, através de uma carta encaminhada ao Secretário da Saúde pedindo uma escola privada ou pública, que tenha a educação especializada e próxima da casa onde reside a criança ou adolescente com Transtorno do Espectro Autista. No caso da Secretaria não conceder a escola solicitada ou indicar alguma da rede pública ou conveniada, existe a possibilidade de ser proposta uma ação na justiça por meio de um advogado ou, se não tiver condições financeira de pagar por estes serviços, por um Defensor Público, visando obrigar o Estado a disponibilizar a escola pretendida.

## 2.7 PERFIL COGNITIVO DA CRIANÇA AUTISTA

Uma criança utiliza vários meios para aprender: brincadeiras, o contato com os pais, interações com os colegas, e com os professores. Socializa-se, faz amizades, observa, questiona, adquire habilidades motoras e cognitivas. Para uma criança autista, as coisas não funcionam assim. Há uma relação diferente entre o cérebro e os sentidos, e as informações nem sempre se concretizam em ganho de conhecimentos. Sua interação social é prejudicada, os objetos passam a ter funções apenas sensoriais, com pouca contribuição cognitiva, simbólica e de nomeação, e aí, surgem os déficits com a linguagem.



Ao entrar na escola e observar a sala de aula, foi visto claramente como é o comportamento e interação dos alunos autistas com os colegas, professores e cuidadores. Na maioria dos casos, os autistas são pouco comunicativos e não gostam que o toquem. Um caso presenciado ocorreu quando uma aluna tentou beijar a bochecha do colega autista, e ele agressivamente a atacou.

O autismo compreende a observação de um conjunto de três tipos de comportamentos que são vistos com mais frequência: comprometimentos na comunicação, dificuldades de interação social e comportamentos repetitivos e estereotipados.

Segundo Scheuer e Limongi (2003), o processo de desenvolvimento cognitivo não pode ser considerado de forma pontual e restrita. Ele se dá durante toda a vida e é resultante de experiências acumuladas e organizadas através da ação do indivíduo sobre o meio e vice-versa. Crianças autistas não apresentam interação social com os pais, quando bebês, costumam não ter sorriso social, além de pobre contato visual. Podem mostrar ansiedade extrema diante de mudanças na rotina, em idade escolar mostram prejuízos na capacidade de interação e de brincar com seus pares.

Silva (2012) trata sobre o isolamento do autista, afirmando que é importante ressaltar que crianças autistas não optam por isolar-se. Não é uma escolha, mas sim uma falta de habilidade de interação que acaba criando uma visão ameaçadora do contato social.

A interação com outras crianças da mesma faixa etária proporciona contextos sociais que permitem vivenciar experiências que dão origem à troca de ideias, de papéis e o compartilhamento de atividades que exigem negociação interpessoal e discussão para a resolução de conflitos. Almeida (1997), afirma que a interação com pares não fornece apenas as experiências necessárias ao desenvolvimento de competências sociocognitivas, mas constitui-se em uma base fundamental para o autoconhecimento e para a compreensão de si mesmo.

Estereotipias, maneirismos e caretas são muito comuns. Distúrbios do sono e alimentares, hipersensibilidade aos estímulos sensoriais são típicos em crianças autistas. A falta de compreensão ou a incapacidade de comunicar-se podem levar a manifestações de agressividade e de condutas opositoras.

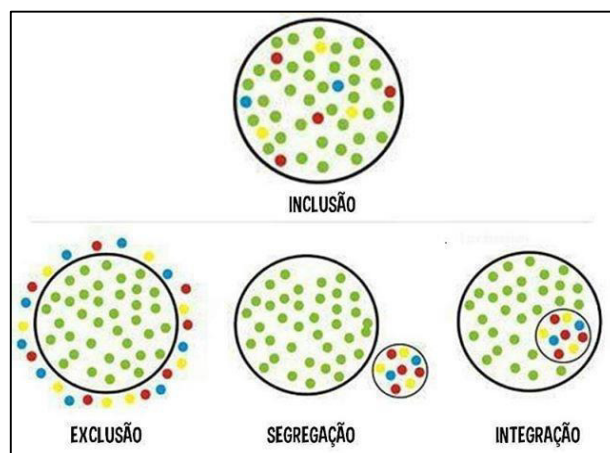
Déficits na linguagem estão entre os critérios para o diagnóstico de autismo. Vocabulário diferenciado, fala ecológica, comprometimento global da linguagem

(recepção, produção fonológica, sintaxe, semântica e pragmática) com prejuízos da prosódia da fala.

Alguns dos aspectos cognitivos apresentados por uma criança autista são: Foco demasiado numa característica específica do objeto; difícil compreensão de um contexto; mudança rápida de atenção; pouca tolerância; apresentação de pensamentos concretos; memória Imediata; memória por repetição; ecolalia; hiperatividade; impulsividade; estereotipias Motoras; autoagressão; sensibilidade a ruídos; contato visual pobre; timidez, entre outros.

O autista precisa ser ensinado a “pensar socialmente” para que eles possam comportar-se de acordo com as regras sociais, com base em compreensão e intenção positiva, e não apenas por repetição mecânica ou medo das consequências, assim, ele poderá analisar os aspectos físicos e sociais do seu ambiente em que está inserido, levando em consideração os pensamentos e pontos de vista alheios e compreender que os outros têm pensamentos e reações favoráveis ou nem tão favoráveis a ele, baseados no que ele diz e faz.

### 3 EDUCAÇÃO INCLUSIVA



O paradigma da Inclusão segundo Lya Luft (2012)

O paradigma da inclusão segundo Lya Luft(2012) abrange quatros temas de suprema importâncias tais como a inclusão, exclusão, segregação e integração. Lya Luft diz o seguinte: “Segundo, precisamos, sim, rever em toda parte nossos conceitos, leis e preconceitos quanto a doenças mentais”. (Revista Veja-2012).

Podemos dizer que a inclusão é poder dar direitos a todos, sem exceção, independente de cor, religião, sexo, idade, deficiência. A inclusão é adequar a todos condições de uma vida digna. Na questão da educação inclusiva, a escola deve proporcionar ao aluno condições tais quais os outros alunos tem, adaptando uma estrutura física adequada, adaptando seu currículo e proporcionando profissionais adequados para exercer tais funções.

A exclusão mesmo pode levar a pessoa ao isolamento, pois as pessoas sofrem discriminação. Esses grupos suportam a exclusão social, então precisão de uma estratégia para que sejam aceitos pela sociedade.

Já a segregação é o episódio de limitar um certo espaço a determinadas pessoas, devido as condições da mesma. Os grupos perdem o contato físico e social com os outros indivíduos ou grupos, por fatores como religião, educação, deficiência e etc.

Segundo Rodrigues (2007, p. 98). “A escola é um espaço de encontros e desencontros, encantos e desencantos”.

Portanto a integração é o ato de se unificar, porém a integração escolar acaba sendo um erro dentro da escola regular, pois criam turmas especiais, para atenderem os

alunos especiais da escola regular, e continuam com as outras turmas. Ou seja, a discriminação continua dentro da escola.

A educação inclusiva implica na compreensão da inclusão como processo que não se restringe à relação professor-aluno, mas que seja concebido como um princípio de educação para todos e valorização das diferenças, que envolve toda a comunidade escolar (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO [MEC], 2005, p.27).

Podemos dizer que incluir não é abolir com as diferenças, mas mudar o modelo a ser seguido, ou seja, não seguir o padrão.

Sabendo que é lei e apesar das limitações, a escola pesquisada tenta fazer o máximo, se esforçando para se tornar inclusiva, integrando os alunos com deficiência com os demais e dando o apoio necessário para que suas necessidades sejam atendidas. Atualmente, já se tornou uma realidade nas redes públicas de ensino, alunos com necessidades especiais frequentarem a escola em salas de aula com inclusão. Isso é importante para que, “independentemente do tipo de deficiência e do grau de comprometimento, possam se desenvolver social e intelectualmente na classe regular” (BENITE, BENITE, PEREIRA, 2011, p. 48).

Porém, para que a inclusão de fato se concretize, precisa-se de professores que sejam qualificados e saibam lidar com as situações que aparecerão a partir desses alunos. Mas não é isso que é verificado na realidade. Silva e Retondo (2008) citam Bueno (1999), dizendo que:

de um lado, os professores do ensino regular não possuem preparo mínimo para trabalhar com crianças que apresentem deficiências evidentes e, por outro, grande parte dos professores do ensino especial tem muito pouco a contribuir com o trabalho pedagógico desenvolvido no ensino regular, na medida em que têm calcado e construído sua competência nas dificuldades específicas do alunado que atendem (SILVA e RETONDO, 2008, p. 28).

Ainda há muito o que melhorar, tanto na formação dos professores como na estrutura geral das escolas. Por esta escola ser referência na área de inclusão do município, houve uma grande reforma na estrutura da escola, que foi pensada para que ela se tornasse mais acessível, porém o resultado não foi o esperado pela comunidade escolar, pois ela não possui rampas nem elevadores, e muitas salas, inclusive a sala de recursos, fica no primeiro andar. A educação inclusiva no Brasil ainda está em seu estado embrionário, e sabe-se que é preciso o apoio e o investimento dos governos.

Todavia, esperamos que o contínuo aprimoramento de projetos nesse sentido, tanto na formação, como na formação continuada de professores, com o tempo sane ou pelo menos minimize os pontos decadentes do atendimento às pessoas com qualquer tipo de deficiência.

### 3.1 PAPEL DA ESCOLA

Uma escola inclusiva é importante, e possibilitar as diferenças no contexto escolar é um desafio. Porém, existem meios para que os preconceitos sejam desconstruídos na escola, e para isso deve-se ter gestores e educadores comprometidos com o desejo de mudança de pensamento da parte da sociedade que ainda é preconceituosa. O maior desafio para Camargo e Bosa (2009, p. 71), é “mostrar que a escola pode ser, de fato, um espaço de desenvolvimento da competência social para crianças autistas”.

A gestão e equipe pedagógica da escola alvo são empenhadas em fazer o melhor pela inclusão já que a formação oferecida pela Secretaria de Educação não é suficiente, pois se dá de forma muito distante da realidade. Então, gestores, professores e os demais funcionários da escola buscam por si próprio as informações e os meios necessários para trabalhar.

Para que os obstáculos da inclusão sejam superados a gestão da escola juntamente com o professor deve criar práticas que façam os alunos se sentirem realmente incluídos e se sintam a vontade no meio escolar, assim conseguindo ultrapassar os limites e barreiras que a deficiência traz. E os meios que façam com que o desenvolvimento social e cognitivo da criança seja percebido são: colocar a criança numa sala pouco numerosa, diminuir o excesso de estímulos visuais, avaliar o nível cognitivo da criança, e estruturar atividades diferenciadas que promovam o desenvolvimento das habilidades socioemocionais, cognitivas, sensório-motoras e de comunicação. Deve-se fazer com que a criança tenha vontade de interagir com os demais alunos e funcionários da escola, e a partir dessa interação, que ela construa novas habilidades.

É importante que as atividades aplicadas sejam preparadas se levando em consideração a individualidade de cada aluno, já que cada um tem suas necessidades e interesses. Assim, a atividade será eficaz e irá desenvolver as habilidades desejadas.

Deve ser claro para a escola que incluir é muito mais que acolher, a inclusão dá direitos para esses indivíduos que almejam uma educação que o beneficie e que o leve ao desenvolvimento de suas competências. A escola deve estar pronta para receber alunos especiais, e saber como lidar com cada um deles.

Para que o processo inclusivo seja concreto e aconteça como uma realidade educacional, é importante que se pense em sistemas de ensino de qualidade que atendam a diversidade de alunos de forma realmente adequada, que sejam realizadas formações continuadas com os professores de todas as áreas e séries, sobre as necessidades especiais e o desenvolvimento cognitivo dos alunos. As escolas necessitam de uma concretização de seus processos inclusivos, e para isso deve-se ter uma preocupação maior da parte das políticas públicas, da gestão escolar, da família dos alunos, e da equipe pedagógica em geral.

Assim, é imprescindível que a escola esteja se preparando para incluir as crianças autistas, não apenas lhes permitindo o acesso, a fim de aumentar as estatísticas de autistas incluídos, mas também reconhecendo as suas diferenças, limitações e necessidades, procurando se adequar a elas para melhor atendê-las.

### 3.2 PERFIL DO PROFESSOR

Em uma sociedade que exige saber conviver para sobreviver, necessita-se cada vez mais que as pessoas se esforcem para garantir a inclusão de pessoas socialmente excluídas, desde os primeiros anos de idade e em todos os espaços sociais, sendo a escola o início de tudo isso, e o professor tendo um papel fundamental nessa inclusão. Para início de tudo, o professor precisa acreditar no que é possível fazer, confiar no seu trabalho e crer que incluir é destruir e ultrapassar as fronteiras das deficiências. Se ele exercer seu papel de forma correta e garantir a educação inclusiva que se almeja, semeará um futuro onde haverá menos discriminação e mais sucesso na proposta de incluir. É contraditório dizer que o professor precisa ultrapassar as fronteiras das deficiências quando ele está preso a um método tradicional de ensino e fechado para novas possibilidades de educação, e é isso que é percebido em grande parte das escolas,

onde alguns professores se “auto limitam” a partir do momento em que não buscam conhecimento para lidar com sua realidade local. Sendo assim, a criança fica na sala de aula apenas como uma inclusão ilusória, já que as atividades do dia a dia a excluem.

O professor da criança autista precisa ser perseverante, paciente e ter sensibilidade, deve saber dosar entre carinho em determinados momentos e voz firme em outros, além de estar junto da criança, fazer com que se sinta acolhido na sala de aula pelos outros alunos, e pela escola toda em si. Esse sim é o começo para uma verdadeira inclusão.

Um professor que queira fazer um trabalho significativo, precisa conhecer seu aluno, sua deficiência e suas limitações, esquecendo os pré-conceitos que possui. Os conhecimentos que irá buscar seja na formação continuada ou em qualquer outro meio devem servir como ponto de partida para o planejamento das ações que serão praticadas e executadas e não como desculpas para o abandono do aluno.

Mantoan (1998, p. 7), ressalta que “o futuro da escola inclusiva está, a nosso ver, dependendo de uma expansão rápida dos projetos verdadeiramente imbuídos do compromisso de transformar a escola, para se adequar aos novos tempos”. Para isso, o professor deve identificar as possibilidades e limites sobre o que pode fazer dentro da atual situação determinada pelas políticas públicas da educação. Santos (2002, p. 32) afirma que “o momento que estamos vivendo não é mais de alongar as resoluções, as leis, as portarias, mas de trabalhar com a práxis”.

É importante que o relacionamento professor-aluno seja construído de forma correta, que possibilite que essa relação seja construtiva para as duas partes, pois é a qualidade desse relacionamento que torna o processo educativo e a escola significativos para o educando. É preciso que os professores sejam capacitados para atender adequadamente à crescente população de crianças com autismo, formando cidadãos e ajudando a eliminar preconceitos.

### 3.3 ESTRATÉGIAS INCLUSIVAS

Ao receber um aluno com deficiência, os professores devem ser estimulados a rever sua prática e buscar formas de ensinar que provoquem as habilidades que são pedidas em seus alunos. A colaboração em sala de aula é um fator importante para a

inclusão de crianças autistas, pois permite a interação e troca entre os alunos. O professor pode focar no desenvolvimento de algumas estratégias para desenvolver as aptidões de seus alunos autistas, sempre lembrando que quando se fala em autismo cada criança apresenta um tipo de resposta, certa habilidade e dificuldades diferenciadas. Sendo assim mais importante do que o tipo de atividade é a maneira que será apresentada.

Nem sempre o que deve ser feito é visto na realidade, o que se presencia são professores acomodados que ou não se importam ou não tem tempo para criar estratégias que busquem alcançar o desenvolvimento de todos os alunos.

Uma das dificuldades do trabalho com crianças autistas é o comportamento focalizado que algumas delas apresentam em alguns momentos, com gestos estereotipados e repetitivos. Ao ver que isso está acontecendo, o professor deve tentar mudar o foco de atenção do aluno, e trazer atividades que a estimulem e provoquem seu interesse.

Outra grande dificuldade é a interação social dessas pessoas, sendo esse sintoma observado desde o início da vida do autista. As crianças autistas não compreendem como se estabelecem as relações de amizade. Algumas não têm amigos e outras acreditam que todas as crianças de sua sala de aula são seus amigos. Os autistas apresentam dificuldades em manter um contato social inicial e não tem a capacidade de se colocar no lugar do outro. Para que essa limitação seja superada aos poucos, o professor deve criar estratégias para que essas crianças interajam mais e consigam se estabelecer tranquilamente em um meio social, como promover atividades em que a criança autista participe junto com as demais e fazer a atividade junto com a criança, para que ela aprenda por imitação.

A comunicação também é uma dificuldade quando se trabalha com o autista, pois muitos não a desenvolvem. Muitas vezes, é o atraso na aquisição de linguagem verbal que faz com que os pais procurem ajuda médica. Usualmente, crianças autistas demonstram sérios problemas na compreensão e utilização da mímica, gestualidade e fala. Os autistas que apesar da deficiência desenvolvem linguagem apresentam dificuldades marcantes em iniciar ou sustentar diálogos e, muitas vezes, apesar de se utilizarem da fala, não visam comunicação. Para se comunicar e ajudar a criança autista a desenvolver melhor sua linguagem, o professor deve fazer uso de frases curtas e



afirmativas, além de utilizar imagens na sala de aula, que auxiliem o aluno a entender o professor, assim, melhorando a relação que os dois devem desenvolver.

A rotina escolar também é de grande importância para a aprendizagem e desenvolvimento da criança autista. O cotidiano escolar favorece o desenvolvimento de aspectos cognitivos na criança que serão úteis ao seu convívio social. A rotina deve ser planejada previamente pelo professor de forma simples e objetiva e esse planejamento deve ser feito sempre, ao longo da mudança e transformação do comportamento dessa criança.

Sabendo que toda criança é diferente, o professor deve criar atividades adaptadas para os autistas utilizando todos os recursos disponíveis para ensinar, como computadores, livros, músicas. É muito importante observar os interesses da criança, e utilizá-los como motivadores para facilitar a aprendizagem, penetrando no mundo autista para entender como esta criança aprende. Para muitas destas crianças o estímulo auditivo, visual ou tátil pode ser muito reforçador e controlar o comportamento de atenção da criança durante as atividades. É essencial ter um material adaptado que facilite a aprendizagem e ajude a criança a ficar atenta e realizar as atividades com motivação e atenção e autonomia, dispensando a ajuda intrusiva do professor.

## **4 ASPECTOS METODOLÓGICOS**

De modo a explicitar a trajetória de pesquisa, buscamos desenvolver nesta parte do trabalho aspectos relacionados ao local da pesquisa, aos participantes da pesquisa aos procedimentos metodológicos adotados.

### **4.1 TIPO DE PESQUISA**

Em nossa pesquisa, utilizamos a abordagem qualitativa, que, segundo Minayo (2004), trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, entendendo o conjunto de fenômenos humanos como parte da realidade social. Nossa pesquisa foi de campo, pois, segundo o autor, o trabalho de campo permite a aproximação do pesquisador com a realidade sobre a qual formulou uma pergunta, e também permite uma interação com os “atores” que conformam a realidade e, assim, constrói um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz pesquisa social. A partir dessa pesquisa de campo, iremos analisar os discursos, visando melhor compreender como é a vida na escola regular do aluno autista.

Para uma correta abordagem, nosso projeto de pesquisa implicou em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, observações e análises das falas, que serão apresentadas de forma descritiva já que a análise descritiva é recomendável desde a definição do objeto de estudo, passando pela delimitação do lugar, tempo, revisão de literatura e coleta de dados.

### **4.2 LOCAL DA PESQUISA**

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Paulino Siqueira, que fica localizada na cidade de Cabedelo. A escolha da escola se deu pelo motivo de ter um grande número de alunos autistas no local, esta funciona como escola do ensino fundamental nos turnos da manhã e tarde, e com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no turno da noite. A mesma esta dividida em diretoria, cantina, sala de supervisão, sala de orientação, salas de aula, sala de professores, biblioteca, sala de recursos, secretaria, auditório e banheiros.

Apesar de ser uma escola referência no município na questão da inclusão, há pouca acessibilidade em sua estrutura física, como também o espaço destinado à sala de recursos é bastante pequeno, limitando o trabalho dos professores.

Cada um dos alunos autistas possuem cuidadores, que os auxiliam nas suas dificuldades pessoais e exercícios diários.

#### 4.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Foram sujeitos da pesquisa pais, professores, crianças autistas e seus cuidadores. A escola possui cinco alunos autistas onde cada um deles é acompanhado por um cuidador durante as aulas. Os professores não tem um contato tão próximo com os mesmos, pois há uma preocupação maior em passar o conteúdo das aulas no pouco tempo que lhes é dado, o que dificulta a interação do professor-aluno autista.

Percebe-se a necessidade de uma formação mais adequada para os que lidam diretamente com estes alunos, pois há uma limitação de como trabalhar na necessidade de cada um deles em especial.

#### 4.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados a partir de questionários em que constaram questões fechadas e abertas, o que proporciona maior liberdade de expressão no contato com o indivíduo alvo de nossa pesquisa, aproximando seu ponto de vista com a realidade (MINAYO, 1995). Esses questionários foram divididos para três sujeitos: pais, professores e cuidadores. O que abordava os pais foram feitas perguntas referentes a sua gestação e parto, quando ele/ela percebeu que seu filho apresentava alguma característica diferente de outras crianças, e quanto tempo demorou para que ele procurasse um especialista. Quais exames foram feitos no seu/sua filho/filha e qual foi sua reação ao receber o diagnóstico. Foi perguntado também se a criança recebe acompanhamento em alguma entidade fora da escola, e o que a família considera mais difícil ao lidar com uma criança autista. E qual sua opinião sobre a experiência do filho/filha na escola. O questionário que foi dedicado aos professores tinham as seguintes questões: Titulação acadêmica, tempo de profissão, qual a série que ensina

atualmente, quantos alunos em média há na sala de aula, quantos são autistas, há quanto tempo lida com crianças autistas, se ele/ela passou por alguma capacitação para atuar com essas crianças, como ele/ela considera seu relacionamento com os alunos autistas, quais as dificuldades em se trabalhar com esses alunos, se ele/ela consegue levar atividades diferenciadas relacionando o grau de aprendizagem desses alunos, e se a família é atuante no desenvolvimento dos mesmos. E, por último, o questionário apresentado para os cuidadores, que tinham as questões: Titulação acadêmica, faixa etária do aluno/aluna que cuida, tempo de atuação nessa área, se houve capacitação para trabalhar com crianças autistas, quais as dificuldades ocorrentes, se a escola fornece meios para auxiliar no desenvolvimento cognitivo desses alunos, e qual o papel principal de um cuidador. Além disso, foram realizadas observações, entendendo a importância da participação do observador/pesquisador se colocar na situação social, instituindo um vínculo com o indivíduo e registrando suas posturas, pois o pesquisador se insere no contexto de vida deste, o que dá margem a uma ligação de confiança de ambas as partes, estando dentro da sala de aula em que estas crianças estão inseridas durante aulas de professores e dias diferentes, para assim perceber a reação dos sujeitos observados nos diversos contextos. Nesse roteiro, procuramos observar: a infraestrutura e acessibilidade escolar, as dependências da escola, as características da clientela escolar, os recursos materiais utilizados durante as aulas ou na sala de recursos, o material pedagógico e a utilização dos mesmos, as turmas em sala de aula, e a inclusão dos alunos autistas, e a relação professor-aluno, aluno-aluno, professor-cuidador e aluno-cuidador.

#### 4.5 ANÁLISE DOS DADOS

A partir do levantamento bibliográfico e dos dados coletados durante a pesquisa, por meio das observações, partimos para a organização, a fim de selecionar o material que proporcionará uma maior contribuição acerca das informações obtidas. Após isso, foram feitas interpretações acerca dos dados obtidos.

##### 4.5.1 Perfil dos professores da escola

Os professores abordados pelo questionário nos ajudaram a compreender como é a vida de crianças autistas na escola regular, respondendo a perguntas simples que nos

davam um significado de como é e como deveria ser a inclusão. Todos os professores entrevistados possuem graduação em sua área de atuação, mas apenas uma, possui algum tipo de especialização para lidar com esses alunos, o que é claramente visto como um ponto negativo, pois como vou trabalhar com um aluno que precisa de um ensino diferenciado em certos pontos, se não sei nem que pontos são esses? É uma questão a se melhorar no ensino público, a formação dos professores, que será falada mais adiante. Ao serem questionados sobre o tempo de profissão temos um grande diferencial, pois temos na escola professores com 20 e 15 anos de profissão, outros com 8 anos, enquanto alguns acabaram de sair da Universidade, com 2 e 3 anos de profissão. O número de alunos em sala de aula é de uma média de 18 a 27 alunos. Considerando que haja nessas salas no mínimo um autista, que é o que acontece, percebemos a dificuldade dos professores de dar atenção individual a cada um, e em especial ao autista, ficando isso apenas a cargo do cuidador. Mesmo com 20 e 15 anos de experiência na área escolar, nem mesmo esses professores tem experiência em conviver com os autistas em sala de aula, pois ao ser perguntados sobre quanto tempo lidam com criança com essa deficiência, a resposta é de 2 anos, e apenas um professor respondeu 5 anos. Quando se tem uma capacitação e a partir daí se começa a trabalhar com autistas, é visto claramente que o resultado é melhor, porém quando o professor não tem a mínima noção do que é o Autismo e quais as características, vários problemas acontecem.

Ao serem perguntados sobre como se relacionam com seus alunos autistas, todos os professores responderam que os tratam como iguais aos outros, o que é bom por uma parte e ruim por outra, pois se sabe que esses alunos são cognitivamente diferentes em relação aos demais. É claro que se deve tratar igualmente, mas todas as crianças são diferentes umas das outras, e tratá-las iguais é desejar que todas aprendam da mesma maneira, como máquinas, e não é bem assim que acontece. Na questão que dizia respeito as maiores dificuldades em se trabalhar com alunos autistas, houveram respostas diversas, porém todos disseram que sim, há dificuldades, sendo as citadas mais ocorrentes: Quando eles faltam a aula, pois há uma quebra de rotina, que é difícil de se contornar quando falamos em autismo, já que a rotina é um fator importantíssimo no trabalho com essa deficiência; A comunicação, já que alguns não tem a capacidade de se comunicar oralmente, isso se torna um acréscimo na questão de relacionar-se com o outro, e quando o cuidador ou professor não sabe contornar essa situação, criando outros meios para a criança se comunicar, fica difícil haver a inclusão correta, ficando o

aluno de escanteio, como se não houvesse ninguém ali; e por último, outra dificuldade bastante citada pelos professores, são as reações intensas às mudanças, que também nos leva a pensar na rotina, porém quando a escola promove algo que seja diferente aquela que tem todos os dias, os alunos autistas não costumam se adaptar bem, alguns até podendo ficar agressivos. Para isso, mais uma vez é preciso que haja profissionais que saibam lidar com essas situações, procurando a melhor maneira de agir em casos adversos.

Quando perguntados se a família é atuante no desenvolvimento da criança, houve divergências, alguns alunos têm a família bem participativa, e outros não. Tendo inclusive uma cuidadora que é mãe do aluno que cuida, e estando sempre na escola, participa ativamente da vida escolar da criança. E em relação às atividades, apenas um professor afirmou que não leva nada diferencial para seu aluno autista, ficando isso a cargo do cuidador. Sabe-se que não deveria ser bem assim, o professor é que tem a obrigação de ensinar seu aluno, o nome cuidador já diz, ele está ali para cuidar, satisfazer as necessidades físicas de seu aluno, sua função não é ensinar.

#### **4.5.2 Perfil dos cuidadores da escola**

O cuidador é um profissional de extrema importância no processo escolar, quando o aluno não tem a independência necessária para realizar suas necessidades físicas, motoras ou cognitivas. Os cuidadores que responderam o questionário, trataram de questões importantes no mundo autista, e nos fizeram perceber que ainda falta muito para chegar ao nível que precisamos nas escolas públicas.

Primeiramente, foi perguntado qual o nível acadêmico dos cuidadores, as respostas foram: Graduação em Administração, Pedagogia, Gestão de RH, Técnico em Enfermagem e Magistério. Nenhuma especialização, nenhum curso que os capacite para trabalhar com qualquer deficiência, a não ser a cuidadora que tem curso em Gestão de RH, que fez um curso promovido pela Secretaria de Educação do Município de Cabedelo. Vemos que há uma falta enorme de pessoas que saibam o que estão fazendo, que não trabalhem usando apenas a intuição. Todos esses profissionais foram recentemente contratados, trabalham na escola há 2 ou 3 anos, e mesmo com esse tempo de atuação, não procuraram se especializar na área. Ao serem questionados sobre quais as dificuldades em trabalhar com alunos autistas, dois cuidadores responderam que não

há nenhuma, enquanto os outros três disseram que sim, há dificuldades, e as citaram: “Temo em não saber lidar com a agressividade dele”; “Falta de preparo, agressividade, dificuldade na comunicação”; e “Os pais não contribuem no processo de ensino-aprendizagem da criança”.

Todos os cuidadores responderam que a escola oferece meios para auxiliar no desenvolvimento cognitivo dos alunos, com a sala de recursos. Com certeza a sala de recursos é um meio de extrema importância no desenvolvimento dessas crianças, pois lá eles encontrarão profissionais que sabem como fazê-los crescer cognitivamente, psicologicamente e socialmente. Para os cuidadores, também foi feita a pergunta sobre quem traz as atividades diferenciadas para os alunos autistas, e as respostas foram diferentes das dos professores, pois três cuidadores afirmaram que são eles quem levam as atividades, enquanto dois disseram que são os professores.

E por último foi perguntado “Para você, qual o papel principal de um cuidador?”. As respostas foram: “Dedicar-se a criança”; “Ajudar no que for preciso para ver seu aluno bem”; “Ajudar no desenvolvimento da criança junto à família e ao professor”; “Ajudar na inclusão da criança na escola”; e “Amar a criança e buscar meios para favorecer um bom desenvolvimento cognitivo e motor”. Percebe-se que essas pessoas fazem por seus alunos o que está ao seu alcance, que se dedicam o máximo para que eles tenham uma boa experiência escolar, mas enquanto a escola e o município não se interessarem em capacitar melhor seus profissionais, a educação e a inclusão não irá melhorar.

#### **4.5.3 Perfil dos pais**

A participação dos pais no processo escolar de seus filhos é imprescindível seja qual for o nível escolar da criança, quando se trata de filhos que possuem deficiência essa participação deve ser maior ainda. O interesse no progresso da criança deve partir dos pais, e eles devem estar atentos e cobrar os direitos de seus filhos na escola. Todos os pais que responderam o questionário responderam que suas gestações e parto foram normais, e que só vieram perceber alguma diferença nos seus filhos no início da infância das crianças. Apenas dois familiares levaram os filhos ao médico assim que perceberam algo diferente, outras duas famílias demoraram um pouco por acreditar que aquilo era somente uma fase, e uma família não levou o filho a qualquer especialista,

escondendo a criança por vários anos e só levando ao médico após ser denunciado por outras pessoas da família. Essa atitude não pode acontecer, nem esperar por achar que vai passar, nem esconder a criança, pois isso só prejudica já que quanto mais a criança ficar sem atendimento especializado, mais difícil será sua adaptação ao meio social e escolar.

A reação dos pais ao receber o laudo e saber que o filho/filha era autista foi de surpresa, medo, vergonha, em outro caso a mãe respondeu “Eu pirei”. Muitas vezes por falta de conhecimento e preconceito essas famílias ficam aterrorizadas ao saberem que seu filho tem alguma deficiência, por isso a procura de profissionais que os guiem sobre o que fazer é imprescindível. No momento de nossa visita, todos os alunos autistas já tinham sido encaminhados e estavam recebendo acompanhamento na FUNAD-Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência. Os tratamentos recebidos por todas as crianças, segundo os pais são com o Psicopedagogo, Terapeuta Ocupacional, Fisioterapeuta, duas crianças fazem uso de medicamentos e uma faz Equitação.

Ao ser perguntados sobre o que considera mais difícil lidar com um autista as respostas foram em geral a falta de comunicação, a agressividade, ao sair em locais públicos, a criança não gostar de muita gente e ficar agitado. Mas em relação a experiência do filho na escola, 3 pais responderam ótima, enquanto dois responderam boa, o que já é visto como um passo a mais, considerando que alguns pais não são tão ativos como deveriam, ou como a escola gostaria de ser. A escola precisa conscientizar esses pais de que sua participação na escola só irá fazer bem a seus próprios filhos, ao desenvolvimento deles, pois escola e família devem caminhar sempre juntas.

#### **4.5.4 Análise da observação**

Ao observarmos a escola, pudemos comparar o que a teoria diz, e o que na prática não acontece. Quando se sabe da fama da escola de que é exemplo de inclusão no município, se imagina tudo perfeito, porém quando se constata o que realmente há, vemos que ainda falta muito para que aquilo tudo seja como se diz ser. Primeiramente, verificamos a infraestrutura e acessibilidade da escola, que tinha acabado de passar por uma reforma, e o que foi visto nem parecia que tinha sido reformado. A escola não possui rampas nem elevadores, mesmo tendo um andar onde só se pode chegar pela



escada, as crianças que tem deficiência motora precisam ser carregadas por seus cuidadores ou funcionários da escola para chegarem a sua sala, ou descerem as escadas para o refeitório na hora do intervalo. Também vimos um déficit em relação à sala de recursos, que é muito pequena não tendo espaço para todas as atividades. Inclusive presenciamos o atendimento de um aluno autista no pátio, pois na sala de recursos ele não se sentia bem, devido a seu tamanho. Em relação às dependências da escola, apenas a sala de recursos não atende a demanda, já as outras salas são grandes e arejadas, isso também acontece por causada reforma que foi realizada há pouco tempo.

A clientela escolar é composta por pessoas bastante simples, pois a escola se localiza em uma área carente da cidade, além de virem alunos de outros bairros. Isso se dá pela fama que a escola tem, pois dentre as escolas públicas do município, é considerada uma das melhores. Os recursos materiais oferecidos durante as aulas regulares são os livros, cadernos, nada de jogos ou materiais concretos, só terá isso se os professores se disponibilizarem a confeccionar ou comprar. Esses materiais são destinados apenas à sala de recursos.

Ao observarmos as turmas, é visível que os demais alunos estão acostumados e tratam os autistas com carinho e atenção, os ajudando quando necessário e quando está ao seu alcance auxiliá-los de alguma forma. Por parte dos colegas de sala de aula, não há preconceito envolvido, porém por muitas vezes não saber quais as características do autismo, eles tomam atitudes que podem fazer mal ou estimular alguma reação que desencadeie medo no professor ou nos demais alunos. Como foi presenciado por nós, uma aluna aborreceu um colega de sala de aula autista, fazendo com que ele ficasse agressivo, sendo acalmado apenas por seu cuidador. Nessas situações é preciso que os professores e cuidadores saibam como agir, para não causar mais desordem em sala de aula.

#### 4.6 ASPECTOS ÉTICOS

É importante destacar acerca das regras éticas, pois a intenção é que estas sejam respeitadas. Com isso, tomamos como parâmetro a Resolução Nº196/96, conforme preconiza o Conselho Nacional de Saúde. Ressaltamos, ainda, que o anonimato dos sujeitos foi preservado e quaisquer outros meios que venham causar constrangimentos aos sujeitos pesquisados. A instituição foi informada quanto à coleta de informações.

Para tanto, os sujeitos assinaram um documento previamente elaborado, autorizando o registro e publicação dos documentos institucionais.

Foi também a eles garantido o anonimato, o esclarecimento acerca dos objetivos do estudo, o sigilo das informações coletadas, ficando assegurado o acesso aos resultados da pesquisa. Assim, só foi realizada a pesquisa, após assinatura do Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (TCLE).

#### 4.7 DESCRIÇÃO DOS DADOS COLETADOS

Nesta parte do trabalho, apresentaremos os resultados da pesquisa, quanto à caracterização do ambiente escolar, considerando espaço e perfil dos sujeitos da pesquisa, e os depoimentos dos participantes.

##### 4.7.1 Caracterização da Escola

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Paulino Siqueira, localizada na cidade de Cabedelo. A escola funciona com o ensino fundamental no turno da manhã e tarde, e trabalha com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no turno da noite. Possui um amplo espaço físico, com diretoria, cantina, sala de supervisão, sala de orientação, salas de aula, sala de professores, biblioteca, sala de recursos, secretaria, auditório, banheiros. Todos com boas condições de instalações, limpeza, arejamento e iluminação. Porém, existe alguns pontos negativos que traz alguns problemas para a escola. Um, é a falta de acessibilidade, já que não possui rampa ou elevador para se ter acesso ao primeiro andar, causando o constrangimento de alguns alunos que precisam ser carregados no colo para suas aulas. Outro ponto negativo, é o espaço destinado à sala de recursos, é uma sala muito pequena, limitando o trabalho realizado pelas professoras.

A escola segue o modelo de inclusão e se tornou referência no município. A Política Nacional de Educação Especial, lançada pelo Ministério da Educação em 2008, prevê que escolas públicas e privadas garantam o acesso e a permanência de estudantes com necessidades especiais e articulem o ensino regular e a educação especial.

A escola possui cinco autistas.

Tabela 1 – Distribuição dos alunos

ALUNO	IDADE	SÉRIE	SEXO
M.	8 anos	2º ano	Masculino
A.	20 anos	5º ano	Masculino
K.	12 anos	6º ano	Feminino
L.	15 anos	6º ano	Masculino
V.	13 anos	7º ano	Masculino

Fonte: Dados fornecidos pela Escola

Todos os alunos autistas possuem cuidadores, que os auxiliam nas suas dificuldades pessoais, já que cada autista é único, cada um possui suas particularidades, e seus cuidadores tem que se adaptar. O atendimento aos alunos na sala de recursos é feito individualmente duas vezes por semana, por professoras capacitadas e especializadas em educação especial. Esses cinco alunos autistas tem características totalmente diferentes uns dos outros, porém são tratadas igualmente por serem autistas. Enquanto M. é calmo e se comunica bem, L. é agressivo e não consegue se comunicar oralmente. A. é interessado pelas atividades propostas pelas professoras e teve um desenvolvimento grande, tendo em vista que foi descoberto tardiamente, e em relato, sua professora diz que ele foi maltratado pelos pais. K. é uma menina calma, mas não gosta de contato com outros alunos, está sempre separada apenas aceitando sua cuidadora por perto, enquanto V. já consegue socializar com seus colegas de sala de aula, sendo arisco apenas em algumas situações que lhe incomodam, como quando seus colegas tentam abraçá-lo ou algo parecido.

Os professores que foram abordados pelo questionário possuem uma graduação, e apenas um tem especialização em Educação Inclusiva e Psicopedagogia. O que se vê é a falta de preparo desses professores em saber como atuar com os alunos autistas, quando eles tem o acompanhamento adequado apenas quando vão a sala de recursos, pois apenas lá tem professores qualificados para atendê-los.

É fato que o diferencial dessa escola é a determinação para enfrentar as dificuldades, levando a sério a educação, com dedicação e criatividade.

#### 4.7.2 A função dos cuidadores

Os cuidadores que foram observados e sujeitos de nossa pesquisa foram questionados sobre sua formação, prática e acompanhamento ao aluno autista, para que seja garantido o direito do aluno de estar incluso no meio escolar.

A figura do cuidador na escola garante que alunos com limitações de comunicação, de orientação, de mobilidade, de locomoção, entre outras, possam realizar as atividades cotidianas e as propostas pelos professores durante as aulas, viabilizando assim sua efetiva participação na escola. O professor não possui condições de trabalho que permitam que ele exerça essa função, já que ele tem uma sala de aula cheia de alunos. Então, surge a necessidade de um cuidador, e sua disponibilização é medida fundamental e imprescindível para a educação inclusiva. É função do cuidador alimentar, vestir, locomover, realizar higiene corporal, manipular objetos, sentar, levantar, escrever, comunicar-se, brincar, entre outras. Ao serem questionados sobre qual o papel principal do cuidador, as respostas foram semelhantes: “ajudar na inclusão da criança na escola”, “ajudar no desenvolvimento da criança junto à família e ao professor”, “amar a criança e buscar meios para favorecer um bom desenvolvimento cognitivo e motor”, entre outras respostas.

Para que o cuidador saiba realmente qual seu papel na vida da criança, e saiba desenvolver bem sua função, é necessário que esse profissional seja habilitado e tenha algum tipo de formação para que saiba trabalhar com o autismo. Porém o que foi visto não foi realmente isso, a maioria dos questionados não tinham nenhuma formação que os faria saber lidar com crianças autistas, são pessoas com cursos que ao menos possuem ligação com educação, como Técnico de Enfermagem, Gestão de RH e Administração. Desses cuidadores, apenas um recebeu capacitação na Secretaria de Educação do Município, o que torna a situação cada vez mais preocupante, já que esses profissionais são indispensáveis para uma mais fácil inclusão do aluno autista na escola.

Sem a formação adequada, o cuidador não irá saber contornar toda e qualquer situação de dificuldade que irá acontecer, ou fará de maneira errada. Essa questão ficou bastante clara nos questionários respondidos, pois apenas o cuidador que recebeu capacitação da Secretaria de Educação, respondeu que não sente dificuldades em trabalhar com alunos autistas. Os demais citaram que as maiores dificuldades em se trabalhar com autistas foram: a falta de presença da família, agressividade e falta de comunicação. Isso mostra visivelmente a importância da formação e capacitação correta desses profissionais, para que eles não tenham em não saber lidar com as situações, e

conheçam verdadeiramente o autismo, a partir de estudos que tragam soluções para o dia a dia, e não a partir do senso comum.

Para facilitar o trabalho do cuidador, a gestão escolar e o poder público devem ser atuantes e fornecer meios que contribuam no desenvolvimento cognitivo das crianças. Na escola pesquisada, além de materiais pedagógicos que facilitam a aprendizagem, também há o atendimento na sala de recursos, onde há o acompanhamento de cada criança com uma professora que é capacitada em educação especial.

#### **4.7.3O atendimento na sala de recursos**

A sala de recursos é de fundamental importância para o atendimento educacional especializado. Se faz necessário a presença de professores capacitados, e a família é ideal para auxiliar nesse processo e garantir um melhor desenvolvimento do aluno.

Na escola pesquisada existe um espaço pedagógico com recursos e materiais didáticos, e cada criança tem o tempo de atendimento de 50 minutos toda semana. A formação da professora que os acompanha é graduação em Pedagogia e Especialização em Educação Inclusiva e Psicopedagogia, sabendo assim trabalhar de forma criativa ao fazer trabalhos manuais, jogos de encaixe, dobraduras e tantas outras atividades que estimulam a aprendizagem dos alunos. Tendo algum tipo de especialização da parte da professora para lidar com crianças que possuem deficiência, já auxilia, e muito, no desenvolvimento das crianças, pois quem o acompanha, possui conhecimento sobre o que está fazendo, além de ser uma pessoa que já possui experiência em sala de aula, pois ela já exerce a profissão há quinze anos, e trabalha na sala de recursos há dois.

O ponto negativo que foi visto durante a observação realizada, foi o tamanho dedicado a essa sala, apesar de ser bem equipada com jogos e almofadas, é uma sala muito pequena para que algumas crianças se sintam a vontade. Um exemplo visto foi o caso de L., que é um adolescente de grande estatura, e não conseguia ficar dentro da sala de recursos, se sentia preso e por isso seu acompanhamento teve que ser transferido para o pátio da escola. Isso não deveria ocorrer, principalmente levando-se em consideração que a escola foi há pouco tempo reformada. A sala de recursos deve “ser

um espaço de desafio no qual o aluno, com deficiência, encontra condições necessárias para o desenvolvimento do processo de aprendizagem, com vistas à superação de seu próprio limite, em busca da verdadeira inclusão”. (LOPES, MARQUEZINE, 2012, p.487)

Nem todas as escolas oferecem salas de recursos, no entanto todas as escolas podem oferecê-las desde que tenham espaço físico para o funcionamento dessa sala, e professores especializados. Seria ideal que todas as escolas oferecessem esse atendimento. E é muito importante a participação dos pais, para que eles possam dizer do que os filhos gostam, quais as suas dificuldades e as suas potencialidades, por que isso vai facilitar o trabalho do professor. Por que se a família expõe ao professor qual o canal de aprendizagem e do que esse aluno gosta de fazer, o professor pode encaminhar suas estratégias para esse ponto positivo do aluno e assim o sucesso chegará mais rápido.

A dificuldade mais ocorrente apontada pela professora da sala de recursos foi quando os alunos faltam à aula, pois quebra-se a rotina. Sabe-se que a rotina é um fator muito importante no desenvolvimento do autista, pois ele precisa ter pré-estabelecido o que vai acontecer naquele dia, quais atividades ele irá realizar, para que consiga "aceitar" essa informação na hora de sua execução. Quando há a quebra disso, já é um problema a mais a ser resolvido.

#### **4.7.4 As dificuldades encontradas no ambiente escolar**

As dificuldades localizadas no ambiente escolar começam pelas estruturas físicas do estabelecimento de ensino pelas péssimas condições atribuídas, tais como ausência de rampas e elevadores, pois ela já deveria ser estruturada com adaptações necessárias já que acabou de ser reformada. Outro fator que dificulta a aprendizagem e o desenvolver da criança no ambiente escolar é a ausência de formação dos professores.

É bom ter em mente que, normalmente, as crianças à medida que vão se desenvolvendo vão aprendendo a estruturar seu ambiente enquanto que as crianças autistas e com Distúrbio Difusos necessitam de uma estrutura externa para otimizar uma situação de aprendizagem (GAUDERER, 1993, p. 82).

Acredita-se então que a adaptação das crianças com necessidades especiais parte dos educadores, que muitas vezes não estão preparados para assumir uma sala de aula

com esse contexto. Muitos deles não trabalham ou não querem trabalhar com crianças especiais por medo, por um baixo salário mais principalmente pelo preconceito. Além de que muitos não foram preparados para exercer esse trabalho, o que prejudica de certa forma esse processo de inclusão escolar.

Muitos professores por não ter formação para lidar com o autismo ficam perdidos em sala de aula, não sabem como fazer atividades diferenciadas para os alunos, então, os autistas ficam sem fazer nada durante aquele período de aula. Alguns professores até deixam as atividades a cargo do cuidador, o que é errado, já que essa é uma responsabilidade do professor, além de o cuidador também não possuir qualquer formação para isso, prejudicando e muito na evolução do quadro do aluno.

Na maioria dos casos, não há uma ligação entre o trabalho realizado na sala de recursos, na sala de aula regular e no ambiente familiar, o que é imprescindível para o desenvolvimento da criança e do adolescente autista.

As dificuldades mais apontadas pelas professoras nos questionários foram a falta de comunicação, e as reações intensas que esses alunos têm às mudanças, pois o autista tenta sempre persistir na atividade de costume, seguindo rotinas, e quando há modificações, é difícil acalmá-los, e eles ficam raivosos ou tristes. Se essa mudança de rotina for forçada, apenas irá piorar o comportamento deles.

#### **4.7.5 Planejamento**

O planejamento é ou deveria ser um dos pontos mais importantes e seguidos em uma escola, principalmente dentro de uma sala de aula, pois é através dele que o professor organiza e ministra suas aulas diárias. Planejar é traçar objetivos a serem alcançados, é uma ação de organização e base para que se obtenha sucesso na aula, ou seja, é “um conjunto de ações coordenadas visando atingir os resultados previstos de forma mais eficiente e econômica” (LUCKESI, 1992, p.121).

Segundo Leal (2005), "do ponto de vista educacional, o planejamento é um ato político pedagógico porque revela intenções e a intencionalidade, expõe o que se deseja realizar e o que se pretende atingir"(p.1). Na rotina da criança autista não deve ser diferente. É de extrema importância a preparação antecipada das aulas e atividades a serem realizadas com elas. Conhecer bem a criança ajuda muito nessa preparação, nesse planejamento, pois a partir daí se torna mais fácil o desenvolvimento de atividades. O

ideal é que se tracem metas, pois elas são fundamentais no desenvolvimento da criança autista, uma organização e uma rotina facilitam o trabalho do professor, cuidador e até mesmo a adaptação do aluno.

No dia a dia e na realidade, percebe-se algo muito distante do que realmente deveria ser feito. Professores que não se planejam, não se organizam, não se preparam e chegam na sala de aula completamente despreparados, e muitas vezes jogam toda responsabilidade para o cuidador, que por outro lado, em muitos casos, não têm formação na área e não sabem como agir. Sendo assim, é visto em muitas escolas, crianças que estão "incluídas" no contexto escolar, porém excluídas do direito de se desenvolver por falta de comprometimento de muitos profissionais.

Na escola pesquisada não foi encontrado nada diferente disso, muitos professores sequer levam atividades diferenciadas para seus alunos autistas, deixam isso a critério do cuidador, o que não é responsabilidade dele. Só tratar o autista como igual aos outros não é suficiente para que haja a inclusão, eles precisam se sentir parte da sala de aula. Muitas vezes isso não acontece porque os autistas ficam o horário todo de aula sem fazer nenhuma atividade, esperando apenas por seu atendimento semanal na sala de recursos, o que não é suficiente.

#### **4.7.6O interesse dos pais quanto ao trabalho desenvolvido**

A participação da família na vida escolar do aluno é extremamente necessária para um bom desenvolvimento educacional do mesmo, pois ela conhece a criança desde o seu nascimento e assim se sente mais segura. Quando há uma interação entre os pais e a escola na rotina educacional de uma criança, podemos dizer que tudo se torna mais fácil. É importante destacar que quando não há esse interesse por parte da família, a vida escolar e todo trabalho que se tenta desenvolver se torna muitas vezes bem difícil, pois o desinteresse também chega ao aluno. Para Petean e Borges (2002), a participação da família promove o desenvolvimento da criança e atua como agente mediador entre a escola e o meio social.

Falando na participação durante o período escolar do filho principalmente com autismo, pode-se afirmar que o processo de inclusão tem que começar na família. Se o pai se opõe em levar a criança a um ambiente escolar, ele mesmo está fazendo a exclusão escolar do filho. Em contraponto, algumas famílias simplesmente jogam suas



crianças dentro da escola e também não buscam se envolver nesse processo. É importante manter uma boa interação com a escola, pois é um fator positivo para a inclusão escolar e são os pais que possuem conhecimentos e experiências para ensiná-los. Esperam-se dos familiares os seguintes comportamentos:

Comunicar-se com os profissionais; ser responsável pela educação do filho; manter expectativas adequadas; aceitar a deficiência do filho; respeitar os profissionais; reconhecer o trabalho dos profissionais; confiar no trabalho desenvolvido; acreditar no trabalho desenvolvido; questionar os profissionais de modo adequado; garantir a frequência do aluno; visitar a escola; participar das atividades (SILVA E MENDES, 2008, p.223).

Na escola campo foi encontrada uma mãe de um adolescente autista que foi contratada para ser sua cuidadora. O adolescente por não ter se adaptado com a ausência da mãe e pessoas diferentes necessitou de um apoio familiar maior. Foi quando houve a oportunidade de sua mãe se tornar funcionária da escola, e assim, com essa presença constante da mãe, houve um avanço muito grande no desenvolvimento desse aluno. O mesmo passou a interagir de maneira menos agressiva, a assistir todas as aulas e entre outros avanços notados.

Segundo os professores, poucas famílias são atuantes e procuram saber como está sendo o desenvolvimento, ou o comportamento do filho na escola, e isso dificulta bastante o trabalho dos profissionais. Apesar de a escola incentivar que os pais participem mais, não existe essa conscientização da parte deles.

#### **4.7.7A função do professor**

Pelos questionários realizados e durante a observação feita, ficou bastante claro a grande realidade vivida hoje no sistema educacional, e de como vem sendo a atuação dos professores a esses alunos com autismo. Durante a vivência na escola, foi visto o despreparo para lidar e ensinar os autistas. Isso ocorre pela falta de profissionais capacitados nas áreas especiais e pela falta de conhecimento que se obtém sobre o autismo.

O que foi observado diante dos questionários é que parte desses profissionais não são capacitados para a área e nem sabem como lidar com a situação na educação do autista. Muitos desses educadores nunca estudaram sobre a síndrome, nem sequer conhecem os conviveram com algum autista. Por mais que haja vontade por parte da

escola ou dos professores, só isso não é suficiente, pois eles devem ter capacitação para saber agir perante dificuldades, comportamentos agressivos e outras características que acompanham o autismo. Deveria partir do poder público essa responsabilidade de dar formação a professores que trabalham com crianças especiais na sala de aula, já que essa atitude iria melhorar significativamente a forma dessas crianças serem incluídas na escola.

Não é suficiente apenas a professora da sala de recursos ter especializações ou cursos na área de educação especial, pois a maior parte do tempo o aluno passa na sala de aula regular, sendo acompanhado por um cuidador que também não tem formação para trabalhar na área. É papel do professor levar atividades que auxiliem no desenvolvimento do aluno autista, porém alguns deixam isso a cargo do cuidador, que poderá fazer isso de modo errado, já que não é professor nem tem aptidão para isso.

Durante nossa observação, visualizamos que alguns professores se interessam em fazer com que o aluno autista se sinta incluído, sempre se dirigindo a ele e incentivando os outros alunos a o auxiliarem e mantê-lo em comunhão com a turma, porém outros fingem que aquele aluno não está ali, ou não precisa de atenção. Todo e qualquer aluno precisa da atenção do professor, isso não é particularidade do autista, e se o educador não cumpre seu papel, não existe outra pessoa que poderá fazer por ele no momento.

#### **4.8.8 O curso de Pedagogia e a formação para lidar com crianças autistas**

Segundo Boralli(2007) há uma total desatenção para com a formação adequada de profissionais das áreas de Medicina, Psicologia, Pedagogia, Fonoaudiologia, entre outras.

Fica claro que na Pedagogia, a formação adequada para lidar com crianças especiais no geral, é muito limitada, não atendendo de forma correta as necessidades de tais crianças com certas necessidades especiais inclusive o autismo. Muitos profissionais vivem perdidos, não sabendo lidar com a situação da criança pelo fato da escassez de informações no currículo do curso.

Muitas crianças com dificuldades são matriculadas em escolas que não tem apoio de profissionais qualificados, as mesmas tem dificuldade de relacionamento e de seguir normas, porém os profissionais acabam confundindo com falta de educação e por

ausência de conhecimento, não sabem distinguir as características de um autista. Ficando sempre num vai e vem de desculpas onde a criança é a parte mais prejudicada.

Os profissionais da educação de fato não estão aptos para lidar com crianças autistas e a carência de bibliografias apropriadas dentro do sistema acadêmico dificulta e inviabiliza o acesso a informação na área.

O papel da escola é de suma importância no processo de identificação e diagnóstico, pois é o primeiro espaço onde a criança interage socialmente separada dos familiares por tanto este ambiente deve ter um atrativo adequado que atenda as necessidades limitadas de cada criança.

Podemos dizer que há um déficit na questão da formação do pedagogo quanto à preparação para a vivência com alunos autistas, muitas vezes a prática se torna distante da teoria. Na sala de aula são encontradas dificuldades e problemas a serem resolvidos que muitas vezes não estamos preparados para tal. O curso de Pedagogia deveria trazer o futuro pedagogo para mais próximo destas realidades, e não apenas na reta final onde se tem os estágios, vai muito, além disso. Ao chegar à escola o professor se depara com várias situações no dia a dia, onde muitas vezes não há o apoio devido por parte da gestão ou até mesmo da secretaria de educação, e ele se vê sozinho para resolver situações das quais ele não foi preparado.

## CONCLUSÃO

Durante todo o percurso da nossa pesquisa, procuramos compreender como é o processo de inclusão para os alunos autistas em uma escola regular da rede municipal da cidade de Cabedelo. Levantamos questionamentos acerca do tema relacionado, para melhor compreender como se dá esse processo e desenvolver nosso trabalho. Tomamos como base teórica alguns trabalhos de autores que discutem a questão do Autismo, o que nos deu embasamento para analisarmos os dados da pesquisa.

O trabalho apresentado teve como objetivo expor o que é o autismo, e como o mesmo é entendido. Tendo como objetivo incluir os autistas em escola regular com condições satisfatórias para o aprendizado dos mesmos. Expondo que o processo de inclusão deve fazer parte da nossa realidade.

Enfatizamos que os profissionais devem ser capacitados, ou pelo menos queiram conhecer e se aprimorar nessa área para que os alunos que tenham essa necessidade especial superem obstáculos e cresçam em suas limitações. Neste contexto, táticas educacionais acabam sendo uma motivação para o portador de autismo.

Contudo, foi possível identificar, práticas educativas inadequadas, dentro das escolas que não possuíam recursos devidos para o trabalho com a pessoa autista. Então para que o aluno possa se organizar em sua rotina em sala de aula, temos que ter práticas educativas adequadas.

Por tanto, trabalhar com esses alunos é uma tarefa difícil, que precisa ter mais investimentos por partes de autoridades, nas escolas e nas comunidades. E é necessário estarmos preparados para melhor incluir esses alunos. Para que cada um receba a educação que merece.

No decorrer da pesquisa, procuramos observar como funciona o trabalho dos professores e cuidadores na sala de aula e na sala de recursos em atendimentos individuais. Destacamos ao desenvolver nosso trabalho, a importância da formação correta para as pessoas que queiram lidar com autistas, ou qualquer outra criança especial, pois só assim professores e cuidadores saberão auxiliar corretamente no desenvolvimento cognitivo e motor do aluno, além da sua socialização, fala, estereotípias, etc.

Assim, através de nossas observações e questionários realizados, pudemos destacar a importância da vivência de alunos autistas numa escola regular, onde ele

poderá conviver com crianças, professores, funcionários e aprender a socializar-se melhor, através apenas do incentivo e da vontade da família e tratar aquela criança do modo que ela merece, reconhecendo suas dificuldades e limites.

Podemos dizer que a escola tem se esforçado para a melhoria do atendimento das crianças com necessidades especiais em geral, incluindo o autista, sobretudo a professora que faz o acompanhamento na sala de recursos, que tem formação adequada e mais materiais para trabalhar com essas crianças, procurando desenvolver atividades que favoreçam o desenvolvimento da aprendizagem do aluno. Mas há a necessidade de políticas públicas mais eficazes, que garantam que a escola possua maneiras corretas de incluir esses alunos.

Nosso trabalho foi importante para melhor compreendermos como se dá a entrada e inclusão de alunos autistas na escola regular, quais são as dificuldades enfrentadas no dia a dia do aluno, de que forma é o atendimento individual e de que maneira ele é ofertado às crianças autistas.

Por fim, podemos dizer que na escola pesquisada, por mais interesse que tenha a gestão ou os professores que ali trabalham, a inclusão não acontece totalmente como deveria ser, coexistindo diversos fatores que não contribuem para o enriquecimento e/ou sucesso de seus alunos. Nesse sentido, acreditamos que as escolas regulares, mais especificamente a escola em foco, precisa do suporte necessário e do engajamento de toda a comunidade escolar para empreender um trabalho da melhor forma possível, buscando enfrentar os desafios encontrados durante o percurso rumo ao conhecimento e uma educação que valorize o aluno e suas diferenças, em especial a dos alunos autistas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. **As relações entre pares em idade escolar. Um estudo de avaliação da competência social pelo método Q-sort.** Universidade do Minho, 1997. Tese (Doutorado), Portugal, 1997.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012.

Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2005.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; BOSA, Cleonice Alves. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia e Sociedade**. Porto Alegre, p. 65-74, 2009.

FARAH, Leila Sandra Damião; GOLDENBERG, Mirian. O autismo entre dois pontos. **Rev CEFAC**. São Paulo, p. 19-26, 2001.

GAUDERER, E. Christian. **Autismo**. [S.I]: Atheneu, 1993.

LEAL, Regina Barros. Planejamento de ensino: peculiaridades significativas. **Revista Iberoamericana de educación**. V.37.n.5. España: 2005.

LOPES, Esther; MARQUEZINE, Maria Cristina. Sala de recursos no processo de inclusão do aluno com deficiência intelectual na percepção dos professores. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 18, n. 3, p. 487-506, Jul.-Set., 2012.

LUCKESI, C. C. **Planejamento e Avaliação na Escola: articulação e necessária determinação ideológica**. Série Idéias, n. 15. São Paulo: FDE, 1992.

LUFT, Lya. O ano das criancinhas mortas. **Revista Veja**, 31 de dezembro de 2012.

MANTOAN, Maria Tereza Égler. Ensino Inclusivo/Educação (de qualidade) para todos. **Revista Integração**. Ministério da Educação e do Desporto, SEESP, ano 8, n. 20. P. 30-32, 1998)

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: guia prático**; colaboração: Marialice de Castro Vatauvuk. 6ª. ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007.

MINAYO, M.C.S.M.(Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social : teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

Ministério da Educação, [MEC], (2005). Documento subsidiário à política de inclusão. PEREIRA, L. L. S.; BENITE, C. R. M.; BENITE, A. M. C. Aula de Química e Surdez: sobre Interações Pedagógicas Mediadas pela Visão. **Revista Química Nova na Escola**, vol. 33, nº 1, fevereiro 2011.

PETEAN, E. B. L.; BORGES, C. D. Deficiência auditiva: escolarização e aprendizagem de língua de sinais na opinião das mães. **Paidéia**, Ribeirão Preto, vol. 12, n. 24, p. 195-204, 2002.

RETONDO, C.G.; SILVA, G.M.. Ressignificando a Formação de Professores de Química para a Educação Especial e Inclusiva: Uma História de Parcerias. **Revista Química Nova na Escola**, vol. 30, p. 27-33, 2008.

RODRIGUES, G. F. A inclusão e suas relações no cotidiano escolar. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, vol. 16, n. 27, pp. 97-104, 2007.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho. **A criança autista: um estudo psicopedagógico**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010

SANTOS, Mônica P.dos; ALVES, Renata V.; GONZAGA, Sandra A. Educação especial: redefinir ou continuar excluindo?. **Revista Integração**, p. 30-33 MEC – Secretaria de Educação Especial.

SCHEUER, C. I.; LIMONGI, S. C. O. Distúrbios cognitivos. In: LIMONGI, S. C. O. (Org.). **Fonoaudiologia informação para a formação**: linguagem: desenvolvimento normal. Alterações e Distúrbios. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

SILVA, A. M.; MENDES, E. G. Família de crianças com deficiência e profissionais: componentes da parceria colaborativa na escola. **Rev. bras. educ. espec.**, vol.14, n.2, p.217-234, 2008.

SILVA, Ana Beatriz Barboza; et. all. **Mundo Singular: entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

## APÊNDICES

### QUESTIONÁRIO 1:

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

Caro Professor

Com o objetivo de compreender como é a vida de crianças autistas na escola regular, nós, alunas do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, estamos coletando alguns dados, através de questionário, para subsidiar nossa pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cujo tema é “A inclusão do autista na escola regular”, com a orientação da Prof<sup>a</sup> Isolda Ayres Viana Ramos.

Agradecemos pela colaboração.

Natália Fernanda da Silva Sousa

Priscilla Guedes da Silva

Priscilla Vasconcelos de Melo

1. Titulação acadêmica
  - ( ) Graduação: \_\_\_\_\_
  - ( ) Especialização: \_\_\_\_\_
  - ( ) Mestrado: \_\_\_\_\_
  - ( ) Doutorado: \_\_\_\_\_
2. Há quanto tempo exerce a profissão? \_\_\_\_\_
3. Atualmente, atua em que ano escolar? \_\_\_\_\_
4. Há quantos alunos em sala de aula? \_\_\_\_\_
5. Quantos alunos são autistas? \_\_\_\_\_
6. Há quanto tempo lida com alunos autistas em sala de aula? \_\_\_\_\_
7. Você se capacitou para atuar com crianças autistas?
  - ( ) SIM                      ( ) NÃO
8. Se sim, que curso fez? \_\_\_\_\_
9. Como você se relaciona com seus alunos autistas?
  - ( ) Procuro dar uma atenção diferenciadas dos demais alunos.
  - ( ) Trato-os como iguais aos outros.
  - ( ) Dedico um tempo da aula para explicar os conteúdos só a eles.
  - ( ) Os conteúdos são diferentes para eles.
  - ( ) As atividades são diferenciadas das atividades dos outros alunos.
  - ( ) Preferia que ele estivesse em uma instituição especializada.
  - ( ) Outro. \_\_\_\_\_
10. Essas crianças possuem cuidadores?
  - ( ) SIM                      ( ) NÃO                      ( ) SÓ ALGUMAS
11. Há dificuldades em trabalhar com alunos autistas?
  - ( ) SIM                      ( ) NÃO
12. Se sim, quais as mais ocorrentes? \_\_\_\_\_



- 
13. A família é atuante no desenvolvimento das crianças?  
( ) SIM ( ) NÃO
14. As atividades diferenciadas para os alunos autistas são trazidas por quem?  
( ) Cuidador  
( ) Professor  
( ) Secretaria da Escola  
( ) Secretaria de Educação do Município  
( ) Outro. Qual? \_\_\_\_\_

## QUESTIONÁRIO 2:

### UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE EDUCAÇÃO CURSO DE PEDAGOGIA

Srs. Pais

Com o objetivo de compreender como é a vida de crianças autistas na escola regular, nós, alunas do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, estamos coletando alguns dados, através de questionário, para subsidiar nossa pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cujo tema é “A inclusão do autista na escola regular”, com a orientação da Profª Isolda Ayres Viana Ramos.

Agradecemos pela colaboração.

Natália Fernanda da Silva Sousa

Priscilla Guedes da Silva

Priscilla Vasconcelos de Melo

1. Como foi sua gestação e parto?  
( ) Foram problemáticos  
( ) Foram normais
  2. Quando você começou a perceber que seu filho era especial?  
( ) Demorou a perceber  
( ) No início de sua infância  
( ) Ainda recém nascido  
( ) Outra. Qual? \_\_\_\_\_
  3. Quando procurou um especialista?  
( ) Assim que percebi seu comportamento diferenciado.  
( ) Demorei um pouco pois achava que era uma fase.  
( ) Outra. Qual? \_\_\_\_\_
  4. Que exames foram feitos no seu filho?  
\_\_\_\_\_
  5. Que reação você teve ao saber do laudo? \_\_\_\_\_
  6. Ele(a) tem acompanhamento em alguma entidade?  
( ) SIM ( ) NÃO
  7. Se sim, onde? \_\_\_\_\_
  8. Quais são os tratamentos feitos pelo seu filho(a)? \_\_\_\_\_
  9. O que você considera mais difícil lidar com um autista? \_\_\_\_\_
-

---

10. Como é a experiência do seu filho na escola?

( ) Ótima    ( ) Boa    ( ) Regular    ( ) Ruim    ( ) Péssima

### QUESTIONÁRIO 3:

---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

Caro Cuidador(a)

Com o objetivo de compreender como é a vida de crianças autistas na escola regular, nós, alunas do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, estamos coletando alguns dados, através de questionário, para subsidiar nossa pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), cujo tema é “A inclusão do autista na escola regular”, com a orientação da Prof<sup>a</sup> Isolda Ayres Viana Ramos.

Agradecemos pela colaboração.

Natália Fernanda da Silva Sousa

Priscilla Guedes da Silva

Priscilla Vasconcelos de Melo

1. Titulação acadêmica

( ) Graduação: \_\_\_\_\_

( ) Especialização: \_\_\_\_\_

( ) Mestrado: \_\_\_\_\_

( ) Doutorado: \_\_\_\_\_

( ) Outra: \_\_\_\_\_

2. Qual a faixa etária dos alunos que você cuida? \_\_\_\_\_

3. Há quanto tempo atua nessa área? \_\_\_\_\_

4. Você se capacitou para atuar com crianças autistas?

( ) SIM            ( ) NÃO

5. Se sim, que curso fez? \_\_\_\_\_

6. Há dificuldades em trabalhar com alunos autistas?

( ) SIM            ( ) NÃO

7. Se sim, quais as mais ocorrentes? \_\_\_\_\_

8. A escola fornece meios para auxiliar no desenvolvimento cognitivo dos alunos?

( ) SIM            ( ) NÃO

9. Se sim, quais? \_\_\_\_\_

10. Para você, qual o papel principal de um cuidador? \_\_\_\_\_

11. As atividades diferenciadas para os alunos autistas são trazidas por quem?

( ) Cuidador

( ) Professor

( ) Secretaria da Escola

( ) Secretaria de Educação do Município

( ) Outro. Qual? \_\_\_\_\_

### **ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO:**

1. Identificar a infraestrutura e acessibilidade escolar;
2. Conhecer as dependências da escola;
3. Levantar características da clientela escolar;
4. Identificar os recursos materiais utilizados durante as aulas ou no acompanhamento especializado;
5. Conhecer o material pedagógico da escola e como se dá a utilização dos mesmos;
6. Observar as turmas em sala de aula, percebendo como se dá a inclusão ao autista;
7. Compreender e refletir sobre como se dá a relação professor-aluno e aluno-aluno, aluno-cuidador e professor-cuidador.